

# BOLETIM TEOLÓGICO 2

Auspiciado pela Fraternidade Teológica Latino-Americana  
Caixa Postal, 220 - 93.000 - São Leopoldo - RS - Brasil

## APRESENTAÇÃO

*O "Labor teológico" é uma autêntica vocação cristã, um chamado de Deus a certas pessoas, as quais foram capacitadas por Ele para esta tarefa. Elas são uma dádiva Sua à Igreja para servirem como mestres da fé. Enquanto que todo cristão necessita que sua mente seja renovada (Rm 12,2), a fim de que se entendam verdades espirituais e teológicas, isto ainda não lhes concede autoridade, a seu capricho, de elaborar e apresentar um discurso teológico. Existe um lugar ímpar e autêntico para a "função do magistério" da Igreja, que é a de aperfeiçoar todos "os santos" para o crescimento da Igreja.*



## ÍNDICE

### Editorial

A criação: uma agenda atual

CBE - Considerações pessoais e artesanais

Compromisso de Belo Horizonte

A Evangelização é a prova de nossa vocação ética

Dos evangélicos de Vancouver: Uma carta aberta

O labor teológico no contexto latino-americano

Declaração de Jarabacoa - Os cristãos e a ação política

Resenha

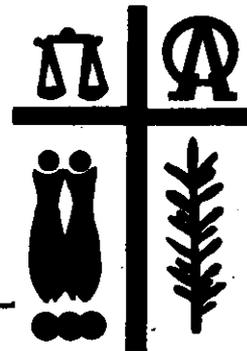


O BOLETIM TEOLÓGICO é uma publicação da Fraternidade Teológica Latino-Americana (F. T. L.). É um boletim de reflexão e análise teológica sem fim lucrativo. Seu objetivo é a divulgação do Evangelho. A reimpressão total ou parcial dos artigos aqui publicados está autorizada, desde que mencionada a fonte.

**EQUIPE EDITORIAL:**

Valdir Raul Steuernagel  
Dilmar Devantier  
Marlon Fluck  
Airton Zitzke  
Emil Sobotka  
Enio Ronald Müller  
Arzemiro Hoffmann – Coordenador grupo Sul

**RESPONSÁVEL:** Dilmar Devantier  
Caixa Postal, 220  
93.000 – São Leopoldo – RS



## BOLETIM TEOLÓGICO

Auspiciado pela Fraternidade Teológica  
Latino-Americana

-----  
Janeiro a abril de 1984            ano 1            nº 2  
-----

Editorial .....	4
A Criação: uma agenda atual .....	8
Congresso Brasileiro de Evangelização (Belo Horizonte - 1983) Considerações pes- soais e artesanais .....	30
Compromisso de Belo Horizonte .....	39
A Evangelização é a prova da nossa vocação ética .....	43
Dos evangelicais em Vancouver: uma carta aberta .....	45
O labor teológico num contexto latino-ame- ricano .....	53
Declaração de Jarabacoa - Os cristãos e a ação política .....	82
Resenha .....	99

## **EU SONHO COM ... UM REAVIVAMENTO MUNDIAL DA PAZ NOS ANOS 80**

Da perspectiva bíblica, paz - Shalom - envolve um relacionamento de justiça com Deus, com o próximo e com a terra.

Eu sonho com um reavivamento da paz se alastrando pela América do Norte, Europa ocidental e oriental e pela União Soviética.

Eu sonho com milhões de cristãos cansados e claudicantes despertando para uma vida cheia de poder na sua fé pessoal em Cristo.

Eu sonho com milhões de não-cristãos chegando a relacionamento pessoal e vivo com o Cristo crucificado.

Eu sonho com todas estas pessoas descobrindo que o caminho da cruz, do amor ao inimigo, é o único caminho para a paz.

Eu sonho com um reavivamento da paz, que mostre que paz significa Jesus e Jesus significa paz.

Eu sonho com dezenas de milhões de pessoas do nosso planeta injusto, poluído e perigoso: retomando um relacionamento justo com o criador, com as outras pessoas e com a boa terra.

Eu sonho com todas estas pessoas revitalizadas, orando e de espírito renovado, juntando-se a todas as pessoas de boa vontade do nosso planeta pluralista, empenhadas numa vigorosa cruzada pela justiça econômica e pela paz-global.

*Ronald Sider*

(International Review of Mission  
Oct. 83. WCC - Sixth Assembly:  
A missionary perspective.)

## EDITORIAL

### A CAMINHADA DO REINO

Hã poucas horas, eu estava sentado no gabinete pastoral com um estudante universitário que queria conversar. Os assuntos podem ser muito diversos quando as pessoas chegam e perguntam se hã, na agenda, espaço para uma conversa.

Este, de hoje, queria conversar sobre várias áreas da sua vida como estudante cristão. Era o grupo de estudo bíblico, na escola, que precisava ter como objetivo alcançar os não-cristãos; era o próprio curso, que não tinha um nível melhor por causa do desinteresse de alunos e professores; era a política estudantil no Diretório Acadêmico, onde as intensas brigas políticas se sobrepõem à busca por um curso melhor; e era ainda a realidade brasileira hoje, que parece um trem fora dos trilhos.

A questão central era o que responder àqueles que o haviam colocado contra a parede, perguntando pela sua posição, que não parece ser nem de direita, nem de esquerda. Conversamos sobre a necessidade de, como cristãos, preparar-nos adequadamente para podermos responder àqueles que perguntam pelo nosso posicionamento. Este preparo inclui uma sólida base bíblica e uma aguda percepção da realidade.

Esta é, em si, uma missão ampla, que

---

abrange a todos os cristãos nas várias áreas da vida e a própria igreja no seu necessário mergulho na realidade. É a mãe de família que co-educa os seus filhos e organiza a casa; o operário que vive entre família e trabalho; o bancário, o empresário, o doente, o idoso, o solteiro ... É a igreja, composta de gente muito diferente, chamada a ser "sal da terra" e "luz do mundo".

Numa ocasião, num congresso de estudantes cristãos, procurei desafiá-los a esta tarefa: "Somos chamados a ser uma geração comprometida, até o sangue, com Jesus Cristo e sua causa, e sensível à nossa subdesenvolvida realidade latino-americana. Os nossos desafios, que são múltiplos, devem ser respondidos pela nossa geração. Poderíamos enumerar alguns deles, tais como: o espiritismo diabólico, o conformismo entorpecedor, o consumismo barato, o marxismo enganador, o ópio futebolístico, a pobreza avassaladora, a televisão alienante e a novela manipuladora.

O que temos a propor à nossa geração e aos nossos problemas? Eu me refiro e busco algo que vá além de uma proposição individualista, uma curta coletânea de versículos ou uma apavorada fuga ao aconchego da igreja.

Temos a propor algo que responda *ao homem como um todo*, e a *todos os homens*? Algo que tenha sentido para ele e seus contemporâneos? Que tenha relação com os problemas morais, sociais, econômicos, políticos e espirituais deste sofrido continente latino-americano? Ou estamos cegos às mãos estendidas, olhos inquiridores e dedos acusadores que nos cercam de todos os lados?

Eu afirmo que Deus tem uma proposição. Ele nos oferece uma alternativa. A Palavra de

Deus nos dá os elementos necessários para que articulemos uma resposta de conformidade com as exigências e características do nosso contexto.

Temos que trabalhar em torno do Reino de Deus! Esta é a chave hermenêutica que nos possibilita abrir a Palavra e propor alternativas à realidade. É em torno dela que podemos e devemos articular uma cosmovisão cristã para os nossos dias.

O Reino de Deus nos dá sentido para a história, luz para o presente e esperança para o futuro."

Esperamos que este boletim possa estar a serviço desta articulação do Reino no contexto da nossa realidade brasileira.

A equipe editorial reunida viu a necessidade de incluir em cada boletim um trabalho bíblico ao que corresponde, nesta edição, a abordagem do relato da criação.

Publicando o Compromisso de Belo Horizonte e alguma avaliação do Congresso Brasileiro de Evangelização, queremos manter relação com o mundo evangélico brasileiro e o que nele acontece.

Preocupamo-nos ainda, neste boletim, com a reflexão teológica latino-americana, mediante a publicação do artigo do Pedro Savage.

Voltamos a afirmar que este é um boletim aberto, para o qual nós buscamos contribuições que sejam bíblicas, sérias e brasileiras. Lembramos também que a sua assinatura e de seus amigos nos ajudará a manter este boletim.

Saudamos, na nossa equipe editorial, o Ênio Müller, já conhecido do mundo evangélico pelo seu artigo sobre Hermenêutica publicado no livro "Entendes o que lêes?" (Edições Vida Nova) e o Airton Zitzke, que desenvolve um ministério pastoral na área da grande Porto Alegre.

*Valdir Steuernagel*

## A CRIAÇÃO: UMA AGENDA ATUAL

*Valdir R. Steuernagel*

### O PARAÍSO

"Da leitura de Gênesis se infere que Adão, nosso primeiro pai, não usava toga ministerial ou acadêmica, manto de rei ou anel de bispo; não trazia tampouco jarreteiras ou barretes, nem gravata cinza para as reuniões do diretório, nem guarda-pó de físico nuclear, nem lapela para o distintivo do partido, nem uniforme de hippie ou boêmio; e sua excentricidade era tão extrema que tampouco queria usar calças; acho que deveria reler o Gênesis, pois as letras sagradas sempre ensinam algo."

*(Sara Zapata Valeije)*

### DEUS CRIADOR

Eu estava em São Luís do Maranhão, no Nordeste brasileiro. Na convivência alegre com um grupo de estudantes, ensinava sobre "História da Salvação" e lembro até hoje como aque-

les jovens degustavam as cousas de Deus.

O meu tema me levava necessariamente a falar da criação, reivindicando o absoluto direito de Deus sobre todas as cousas e seres viventes, como Deus criador que era.

Surpreendeu-me, no entanto, a reação de um dos líderes estudantis presentes. Foi para ele uma descoberta perceber, entender e vislumbrar que Deus exercia o seu domínio sobre todas as áreas da vida. Na sua concepção, a atuação de Deus se restringia à igreja.

Sua reação é paradigmática de segmento significativo da nossa população cristã. A teologia da criação é uma ilustre desconhecida entre nós. Acresce-se a isso o fato de que o nosso conceito de mundo é confuso e/ou unilateral. Não sabemos, muitas vezes, o que fazer com o mundo.

Na nossa concepção corriqueira, o nosso Deus é o de alguns versículos do Novo Testamento onde nós, individualmente, somos redimidos de um mundo mau e esperamos ansiosos pelo mundo futuro que será melhor. Os outros ... bem, que é que nós podemos fazer?! O mundo ... bem ... esse será destruído.

Esta é, certamente, uma visão distorcida do mundo e da vontade de Deus. É verdade que somos redimidos mediante Jesus Cristo e que o mundo será destruído. Mas é verdade também que o desejo de salvação, da parte de Deus, não quer alcançar só a uma pessoa aqui e outra acolá. Ele quer abraçar a todos os homens e a própria criação, que foi atingida pela cruz de Cristo. O amor de Deus é criador e redentor, amplo e pessoal.

Com clareza podemos afirmar que este mundo por Deus criado não foi abandonado, esquecido ou triturado. Ao mesmo tempo em que afir-

mamos este compromisso de Deus com a criação, temos plena consciência de que vivemos no seio de uma geração caída e de um mundo que carrega o signo da queda, fruto do pecado. E por isso ele é por Deus amaldiçoado, como a Palavra de Deus no-lo testemunha.

A realidade da criação - "Eis que é muito bom" - e a da queda - "No suor do teu rosto ..." - convivem lado a lado no coração de um Deus que sofre, ama e quer redimir o homem e a totalidade da sua criação.

Hoje é necessário redescobrir e reacentuar o testemunho do Deus criador para que o compromisso que temos, como cristãos, num mundo criado e amado por Deus, se torne mais claro e efetivo.

Se Deus é o criador, e ele é, então não podemos deixar o mundo entregue à sua própria desgraça, nem os homens a mercê do diabo e seu espírito enganador.

Tenho certeza que, se mergulharmos um pouco na confissão da criação, a nossa missão sairá fortalecida.

#### CRIAR: UMA LIVRE OPÇÃO

Deus é suficiente em si mesmo e não necessita de complementação alguma. Deus não necessita do mundo: do sol, lua, estrelas, homens e animais. Apesar disso, ele cria: elimina o caos, cria luz, traz à vida natureza e seres viventes e povoa a terra. E toda a criação recebe a aprovação e o regozijo de Deus!

"E viu Deus que tudo era bom!" (Gn 1.31)

O motivo para toda a criação reside na deliberada e agradável vontade de Deus. A própria criação é um ato de graça. Nós existimos, o mun-

do existe - o sol, a lua, as estrelas, os animais, o verde, os montes e vales - porque Deus decide criar. Se Deus não é, nada existe e nada há! Como diz K.Barth: "Deus é a medida fundamental para tudo que existe e que é possível. Não existe realidade que não esteja fundamentada em Deus, o qual torna possíveis todas as coisas. Nenhuma possibilidade, nenhum sentido de realidade pode significar limitação ou impedimento para Deus. O que ele quer, ele pode. Poder-se-ia caracterizar o poder de Deus como a sua liberdade. Deus é livre ... Ele tem poder sobre tudo que seja possível no tempo e no espaço. Ele é a medida e o fundamento do tempo e do espaço; ele não tem limites." (1)

E Deus cria do nada. É a chamada "creatio ex nihilo". Para nós, isso é inimaginável; não conseguimos raciocinar nestes termos. Estamos acostumados a desenvolver, produzir, edificar - mas não a criar. Acostumamo-nos a pensar a partir de um determinado dado, a construir sobre um determinado elemento. Nós sempre carecemos de uma matéria-prima, de um ponto de partida. Deus, no entanto, cria do nada. Onde nada há, nada se move, nada se transforma, nada evolui - ali Deus cria; e cria o mundo todo. Do nada, Deus cria tudo, baseado exclusivamente na sua ação e palavra criadora: "E disse Deus", "Fez, pois, Deus". Isso não é passível de compreensão, mas objeto de fé. É proclamado dentro de um contexto no qual religiões orientais e filosofias modernas, como o marxismo e evolucionismo, confessam a eternidade da matéria. (2) Nós, porém, cremos na única eternidade de Deus, e na criação da matéria como também do tempo e do espaço.

#### CRIADOR E CRIAÇÃO

Nós confessamos a Deus como o criador; ao

homem, a natureza e todas as coisas como criadas. É preciso ressaltar a abismável diferença entre criador e criação. É, em si, a distância entre a vida e a morte. Ou, expresso em palavras de Emil Brunner: "a maior diferença entre duas coisas que podemos imaginar é aquela entre o Criador e o que é criado". (3)

A própria expressão "criação" pressupõe um criador, isto é, só há criação se houver um criador.

Essa afirmação representa uma negação a toda tendência panteísta, que quer ver uma dissolução do Criador na criação; ou seja, ver a Deus em todas as coisas. Nega também a possibilidade de uma teologia natural, que quer reconhecer a Deus na natureza, e denuncia como absurda toda tentativa do homem de ser igual a Deus. É ridículo o objetivo pecaminoso da criação de se tornar criador. Esta é uma distância intransponível.

#### A CRIAÇÃO: UM SUMÁRIO GERAL

Há, no Antigo Testamento, vários relatos que abordam a criação, com uma concentração específica nos Salmos 8 e 139 e em Gênesis 1 e 2. Em Gn 1 e 2 encontramos os relatos específicos da criação. É importante compreendê-los como parte do Antigo Testamento e, como tal, intimamente relacionados com o povo de Israel: é Israel que testemunha a Deus como criador de todas as coisas.

Os relatos de Gênesis 1 e 2 falam sobre o mesmo assunto: a criação. Mas, se tomarmos o homem como referencial, veremos que a aproximação dá-se desde diferentes perspectivas.

No capítulo 1, o homem é o último a ser criado, estando, assim, no topo de uma pirâmide: é a coroa da criação. Neste relato, o es-

tado original da terra se apresenta como caótico e Deus o altera pela sua palavra e ação: "Disse Deus", "Fez Deus". Em primeiro lugar se cria a luz, é estabelecida separação entre o firmamento e as águas, e entre estas e a terra seca.

Depois são criadas as plantas, os animais e o homem, sendo homem e mulher criados simultaneamente, e à imagem de Deus.

Em Gn 2 o homem representa o centro de um círculo. A terra se encontrava em forma similar à estepe e o primeiro ser criado é o homem, secundando-o as plantas e os animais.

Neste relato, a mulher é criada depois do homem, tirada da sua costela.

Ainda referente ao homem, KIRK estabelece uma interessante correlação: "Gn 1.26 põe em relevo a relação do homem com Deus: o homem é sua imagem e semelhança. Também fala acerca da relação entre o homem e sua natureza: uma relação de senhorio da parte daquele. Gn 2.7 ocupa-se dos detalhes físicos do homem, quer dizer, sua constituição". (4)

Mas, seria correto falar tão facilmente do homem como a coroa da criação? Está ele, afinal, tão distante do mundo animal? Sim e Não! Não, porque no relato de Gn 1 não só o homem é criado no sexto dia, mas também os animais domésticos, répteis e animais selváticos. Nem ao menos um dia separa o homem dos animais (Gn 1.24 ss). Não, porque em Gn 2 não só o homem, mas também os animais são formados da terra (Gn 2.7 e 19). Até a matéria-prima é a mesma.

Sim, porque em Gn 1 os animais não são feitos à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26), e em Gn 2 eles não recebem o "fôlego da vida" (Gn 2.7).

E, com isto, chegamos ao homem e à mulher como uma criação caracteristicamente diferente, nomeada por Deus para "dominar sobre toda a terra" (Gn 1.26), "sujeitando-a pelo domínio" (Gn 1.28), "multiplicando-se e povoando-a" (Gn 1.28). Este sentido de mordomia se concretiza quando os próprios animais lhe são dados para mantimento, (Gn 1.30) e ele recebe o encargo de lhes dar o nome característico (Gn 2.19).

Concluimos, com Wolff, ressaltando três pontos essenciais a partir dos dois relatos:

- a) O homem está em proximidade imediata com o animal,
- b) Devido à atenção especial que Deus vota ao homem, este é, ao mesmo tempo, imensamente diverso do animal, ao ponto de toda a criação de Deus vir a ser o mundo do homem,
- c) Apenas o homem e a mulher juntos representam um homem inteiro e aceitável." (5)

Com isto já lançamos as bases para o significativo fato do homem ter sido criado à imagem de Deus.

#### "À IMAGEM DE DEUS O CRIOU"

Não podemos desligar do seu contexto a afirmação de que o homem foi feito à imagem de Deus. Como que falando consigo mesmo, Deus diz: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". E, logo a seguir: "... tenha ele domínio ..." (Gn 1.26). Concretizando-se o seu objetivo, Deus cria o homem e a mulher à sua imagem, abençoa-os e diz: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai ..." (Gn 1.27,28). Há uma aparente relação imediata entre imagem de Deus e domínio sobre a natureza, fórmula esta assim definida por H.W.Wolff: "Imagem de Deus - O administrador do mundo".

---

Isto quer dizer que não devemos buscar o significado da "imagem de Deus" fora do próprio texto. Ela não significa uma semelhança física entre Deus e o homem, nem que o homem é um pequeno deus na terra. É no próprio contexto que o significado deve ser procurado.

Isto quer dizer, em primeiro lugar, que o homem é colocado numa relação especial para com Deus: o único a ser criado à imagem divina. Em segundo lugar, quer dizer que o homem é colocado em relação com a natureza no papel de administrador.

Na medida em que Deus administra toda a sua criação, o homem é imagem de Deus no momento em que administra o que Deus lhe designou: como administrador ele é a imagem de Deus. É a imagem de Deus na medida em que se ocupa com as mesmas coisas que Deus criou. É importante ressaltar, no entanto, que "o seu direito de domínio e a sua obrigação de dominar não são autônomos, mas têm caráter de imagem", por isso não se encarrega da "sua tarefa com arbitrariedade de dono, mas como administrador responsável" (6).

A definição de Pedro Arana nos oferece um quadro mais amplo: "e em que consiste essa imagem? Diríamos que no complexo de atributos que o constituem uma pessoa: sua capacidade intelectual, sua vontade, suas emoções, sua consciência moral, os quais resultam em que ele seja co-partícipe na transmissão da vida, que exerça a autoridade que Deus lhe delegou para dominar sobre a natureza, e em ser constituído no único ente sobre a terra que pode ter comunicação com seu Criador". (7)

É dado ao homem, enfim, o encargo da cultura, elegantemente esboçado por Ludwig Köhler: "Este encargo se dirige a todos os homens; abarca todos os tempos; não há qualquer ação hu-

mana que não lhe esteja subordinada. Aquele primeiro homem que, exposto com os seus aos ventos gelados na estepe, pôs algumas pedras umas sobre as outras, inventando assim o muro, a base de toda a arquitetura, cumpriu esta tarefa. Aquele primeira mulher que abriu um furo num espinho duro, ou numa espinha de peixe, passando por ele um pedaço de um tendão de animal para poder unir alguns fragmentos de couro, inventando assim a agulha, a costura, o início de toda a arte de roupas, executou esta incumbência. Até hoje toda a instrução de uma criança, qualquer espécie de escola, todo escrito, todo livro, toda técnica, investigação, ciência e ensino com os seus métodos, instrumentos e instituições, não são outra coisa senão o cumprimento desse encargo. Toda a história, toda aspiração humana está sob este sinal, sob esta palavra da Bíblia". (8)

Este é um quadro ideal puro que sentimos chocar-se contra a nossa própria realidade. Nós não podemos entender a nossa situação hoje, a não ser através do signo da queda. Será que a coroa da criação não está se transformando na cruz da criação? Há um pouco de cada em cada um de nós e na sociedade como um todo.

Devemos ressaltar, ainda, que, entretanto já fica claro que o encargo da administração é dado a toda a comunidade dos homens, e não a grandes dominadores. Que a sujeição só pode ser da natureza e dos animais e nunca de outros homens. Que o exercício administrativo deve ser responsável, isto é, de acordo com as necessidades de sobrevivência de cada um e da totalidade dos homens, e nunca para a satisfação de objetivos meramente individuais e, por isso, egoístas. Implica também num cuidado ecológico. E ainda, que "a sujeição do mundo não deve levar a que o homem seja dominado pelo mito de uma técnica que produza aquilo que tecnicamente pode ser produzido, apenas por causa

desta possibilidade, submetendo, com isto pessoas humanas a coações técnico-econômicas". (9)

#### OBJETIVOS DA CRIAÇÃO

O real objetivo da criação pode ser delineado apenas por Deus mesmo. Algumas suficientes migalhas, no entanto, chegaram até nós, pela própria revelação de Deus.

Calvino diz magnificamente que o mundo foi criado para ser "theatrum gloriae Dei": o palco no qual Deus se manifesta, no qual quer ser reconhecido e adorado. E ainda mais: que o mundo participe da sua glória e testemunhe da sua grandeza.

Como diz Barth: "E se me fosse perguntado pelo objetivo da criação: para que tudo isso, para que os céus, a terra e toda criatura? - eu nada saberia dizer além de: 'Como palco da glória de Deus'." Este é o sentido: que Deus seja glorificado. Deus quer se tornar visível no mundo e, por isso, criar é uma ação divina carregada de sentido: "Eis que era muito bom". (10)

Não que Deus tivesse criado o mundo para que, num monumental concerto de ópera, Adão e Eva se revezassem em Aleluias. Deus é glorificado na medida em que a sua criatura lhe é obediente e cumpre com o seu mandato. Isto é:

- mantenha abertos e harmoniosos os canais de comunicação com Deus, através da obediência;
- viva em comunhão com o seu semelhante;
- exerça o domínio responsável em relação à natureza.

#### A CRIAÇÃO E O POVO DE ISRAEL

Já vimos anteriormente que os relatos da

criação se encontram dentro do quadro do Antigo Testamento e, como tal, fazem parte da própria história do povo de Israel.

### 1. Da criação à cosmovisão

O fato de Deus ser o criador dos céus e da terra é fundamental para a história do povo de Israel: Deus antecede e é o autor dessa própria história. Senão, que Deus seria esse? Mais um mero deus tribal como tantos outros? Mais uma divindade nacional, como as que tinham os povos circundantes?

Não, o Deus de Israel, autor da própria história, do povo, é o criador dos céus, da terra e de tudo que neles há. É a partir dessa confissão básica que se articula uma cosmovisão, na qual as coisas e os homens têm origem, sentido e segurança. É a base para o próprio monoteísmo de Israel.

### 2. Uma confissão desmitificadora

A confissão de que Deus é o criador, não só de Israel, mas de todo o universo, isto é, que ele é um Deus universal, além de dar uma cosmovisão aos israelitas é um testemunho aos povos: é a base para a missão configurada no chamado de Abraão: "Sê tu uma bênção" (Gn 12.2).

Uma das consequências mais importantes dos relatos da criação foi o processo de desmitificação que eles impetraram.

Ter uma história da criação a contar não era nenhuma novidade para o mundo contemporâneo do povo de Israel. Vários outros povos a tinham, inclusive, com uma estrutura literária idêntica à de Gênesis.

Por que, então, os relatos do Antigo Testamento têm esse poder de dinamite? Em primeiro lugar, por afirmarem que a natureza é natu-

reza e nada além disso. Nenhum detalhe da natureza pode ser divinizado. Ela é livre da influência dos deuses.

É impressionante a maneira tão simples como a Bíblia trata a criação das grandezas tão fundamentais como o sol, a lua e as estrelas. Eles são luzeiros totalmente maleáveis nas mãos do criador. Com isso se está dizendo a todos aqueles povos que adoram o sol, a lua e as estrelas que estes nada têm de divino e estão totalmente nas mãos do criador. Eles são "desdivinizados", desmitificados.

Algo idêntico precisa ser dito hoje, novamente, a todos aqueles que dizem estarem as estrelas com a verdade. Não apenas o sol, mas toda a natureza, nada tem de divino. Os trovões nada mais são que trovões, relâmpagos nada mais que relâmpagos: todos os mitos do ambiente são destruídos. O mundo é devolvido ao homem. Novamente se escuta a voz de Deus: "Multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e, sobre todo animal que rasteja pela terra" (Gn 1.28). Como diz Gerhard von Rad: "Quanto mais conseqüentemente o mundo é visto como criação, com tanto mais conseqüência se pode falar da sua natureza de mundo" (11).

As implicações vão ainda mais longe: a matéria do corpo do homem é terrena: "Então formou o Senhor Deus o homem do pó da terra" (Gn 2.7a; conforme ainda Sl 90.3 e 103.14). Nada há de divino no homem: "nas suas veias não corre o sangue de um deus abatido, como em mitos babilônicos da criação, nem o homem se originou das lágrimas do deus-sol, como muitas vezes se dizia no Egito, desde os inícios do reino médio". (12)

E, por último, com o testemunho da criação, Israel está desmistificando a própria con-

cepção de monarquia de outros povos. Isto quer dizer que a origem da dinastia real está em fatores puramente históricos e não divinos, como se cria, e que o exercício da monarquia não é, tampouco, de inspiração dos deuses. (13)

A confissão de que o mundo é mundo, a natureza é natureza, o homem é homem, é um profundo grito de libertação. O homem é livre para cumprir a vontade de Deus, sendo-lhe todo o mundo o espaço vital para o exercício do seu domínio responsável.

É esse grito de liberdade que caracteriza o testemunho da criação do povo de Israel. E era essa característica que os relatos de outros povos não tinham. Vejamos apenas um deles, de origem dos germanos: o mundo foi feito do defunto de Ymir, que era uma divindade. Do seu sangue foi feito o mar; do casco do cérebro, o céu, e do miolo, as nuvens. Esse Ymir, de cujo defunto se originou o mundo, tinha sido assassinado por Odin e seus irmãos, sendo parentes de Ymir, através de sua mãe, iniciando-se assim um assassinato familiar (14). Que trágica origem, que terrível início! Que infinita diferença entre o peso de um tal relato e a liberdade do relato bíblico, que nos leva a exclamar: vivamos, pois Deus nos deu espaço e nos convocou a ser mordomos.

Muito se tem discutido sobre o caráter, sentido e origem de Gn 1 e 2. Não quero, neste momento, ser mais um a acrescentar páginas para a discussão. Só quero enfatizar que mais do que já disse não é preciso: os relatos de Gênesis 1 e 2 são o tremendo testemunho de um povo que se encontra com o seu Deus e a ele atribui a origem de todo o mundo e de todas as coisas. Isto supera em muito ao fruto de uma reportagem ou conclusão de tratado científico,

pois dá razão para a esperança que há em nós. Até aí, nem a reportagem, nem a ciência podem chegar.

#### A CRIAÇÃO HOJE

A confissão do povo de Israel não está morta, mas é atual à medida que nós estabelecemos "através da Igreja" a continuidade desse povo. É atual também pelo simples fato de existirmos, de vivermos, pois, se Deus não é criador, nós não existimos. Deus é criador dos céus, da terra e de tudo que neles há; esta é também a nossa confissão.

Deus não é apenas o criador do mundo e do primeiro homem, mas é também o criador de cada homem em particular (Sl 139; Is 17.7). Assim, Deus não criou o mundo, abandonando-o depois às próprias leis e cuidado, mas segue, na medida em que cada homem até hoje é fruto da palavra/ação criadora de Deus. Deus continua presente a cada momento, mantendo o universo com energia e vida (Dt 32.6; Jô 38.25-27 e 36 e 37; Cl 1.17; Hb 1.3). Assim que, se Deus pára, nós paramos; se Deus dormir, nós sucumbimos; pois é nele que "vivemos, e nos movemos e existimos" (At 17.28).

Crer no Deus criador não é algo do passado, mas é presente e, como tal, testemunho nosso. É saber a respeito da nossa própria origem, ter sentido para o nosso presente e segurança para o nosso futuro.

O nosso testemunho difere do do povo de Israel, porque o expressamos através de Jesus. Ele é o ponto central e o referencial único do nosso testemunho. Assim, a nossa contagem do tempo não se dá a partir de um ponto inicial, mas a partir de um ponto central, que é o nascimento de Jesus de Nazaré. Em Cristo se começa para a frente e para trás. Assim, nós não

---

começamos com a criação, mas chegamos a ela, começando com Jesus: ele é o centro de todos os acontecimentos e mediador da própria criação. (Jo 1.1ss; Jo 5.17ss; Jo 17.24; 1 Co 8.6; 1 Pe 1.20; Cl 1.16; Hb 1.2 e 10ss) (15).

A encarnação de Jesus, assumindo, como Filho de Deus, a forma de homem, representa para nós o sinal vivo do Deus criador. Jesus se tornou o parâmetro para o testemunho de Deus como o criador e ele mesmo se constituiu nas lentes através das quais se enxerga a ação de Deus: "Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas e nós também para ele" (1 Co 8.6).

Isso aniquila toda a possibilidade de se chegar a Deus pela natureza, representando a negação da teologia natural. Condena-se como idolatria toda tentativa de adorar a natureza. "Não é na existência do mundo em toda a sua grandeza que podemos ler que Deus é o criador. O mundo, com a sua tristeza e com a sua morte, sempre nos será um espelho escuro sobre o qual podemos fazer idéias otimistas ou pessimistas. Mas a respeito de Deus, o criador, ele não fala. E sempre, novamente, há idolatria quando o homem quer ler a verdade a partir do sol, da lua, das estrelas ou de si mesmo. Deus é conhecido pela sua palavra e pode ser reconhecido no mundo, brotando daí um alegre louvor a Deus e levando o homem a buscá-lo e encontrá-lo em um, que é Jesus Cristo". (16)

A confissão de que Jesus é o co-partícipe e mediador de toda a criação não é apenas um ato saudosista, mas atual na medida em que ele é o Redentor. O mundo, a partir de Gn 3, é caído e traz consigo a marca do pecado. A morte e ressurreição de Jesus representam um sinal de esperança para este mundo: ele é o Redentor de toda a criação, através do sangue da sua cruz

---

(Cl 1.20). Ao homem e ao mundo dá-se uma palavra de esperança através daquele que é chamado de segundo Adão (Rm 5.12ss; 1 Co 15.45ss).

Agora é possível ouvir de uma maneira nova e redimida a voz de Deus: "E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra" (Gn 1.28). O próprio conceito de domínio adquire novo colorido a partir de Jesus: é pelo modelo de domínio de Jesus que devemos exercer o domínio sobre a natureza, ou "na forma de dominar do crucificado, a administração do mundo confiada ao homem é libertada de sua auto-destruição, tornando a aparecer a imagem de Deus na sua liberdade" (17).

É preciso redescobrir essa dimensão da redenção à luz de toda a criação. Domingos Barbé retrata as consequências dessa ausência de relação entre o mundo criado e o Deus criador com um dramático parágrafo: "... se a Redenção não atinge a criação em todos os seus aspectos, mundo material, história e sociedade humana, se ela não abrange o cosmo inteiro, então Deus nada tem a ver com as lutas deste mundo. Ele se tornou o grande ausente da história e, por conseguinte, a política pertence unicamente ao domínio de César, que pode exercer o seu poder sem controle nenhum. Não é de se estranhar, então, que os inimigos do Cordeiro gritem: 'Não temos outro Rei senão César!' Não podemos admirar que se usem as armas de Maquiavel para governar a cidade humana. Desde que os aspectos sociais e políticos da Redenção não são mais reconhecidos, a realeza de Jesus Cristo limitou-se ao mundo das almas e do sentimento individual". (18) Certamente não é assim.

## CONCLUSÃO: AS IMPLICAÇÕES DA CRIAÇÃO

Se tudo que dissemos até agora é verdade, então é necessário tirar as conseqüências do relato da criação para os nossos dias.

Que lugar ocupa, em realidade, o testemunho da criação em nossos dias? Não está a criação relegada em demasia ao início da Bíblia, no Antigo Testamento, sendo que nós lemos apenas o Novo? Creio, sinceramente, que precisamos re-descobrir o fundamental da criação para a nossa vida diária e para a articulação de uma cosmovisão que solidifique a nossa fé e possibilite o surgimento de uma apologética enraizada e ofensiva.

Quero enumerar algumas implicações do testemunho da criação que me parecem importantes para nossos dias:

### 1. Integrar a criação na redenção;

Procurando caracterizar a prática cristã dominante dos nossos dias, a frase de Ricouer não poderia ser mais acertada: "O pecado é abundante na exterioridade, enquanto a graça é superabundante na interioridade". Resumimos o nosso cristianismo a grandezas tais quais o perdão e a graça, e uma realidade individual e interiorizada: são dizem respeito ao nosso coração. Enquanto isso, entregamos o mundo a Satanás. "O mundo está realmente cada vez pior: e onde abunda o pecado, nada se pode fazer"; este é, para muitos, o pensamento corrente.

Quem, no entanto, leva a sério a criação e a dimensão global da redenção de Jesus, não pode ficar apenas na superabundância da graça na interioridade, mas deve traçar as conseqüências da criação e redenção para todo o mundo, e colocar-se à disposição como agente restaurador do Deus criador e seu Filho redentor.

Mesmo caído, o mundo permanece sendo criado e, depois da cruz redentora de Jesus, há para ele nova esperança (Rm 8).

2. Reenfatar as ordens da criação, que são a base para uma ética social. Definimos "ordens da criação" com as palavras de P. Arana: são "na esfera das relações sociais, as características impressas por Deus para relacionar e unir os homens no seu estado de integridade numa forma precisa; portanto, são características que permanecem como pressuposições inalteradas na própria médula de toda a existência histórica, e que, mesmo variando através de sua expressão no tempo e no espaço, são inalteráveis na sua estrutura fundamental"(19).

São estas as "ordens da criação": matrimônio, procriação e família; trabalho e cultura; e dia de repouso. São os elementos fundamentais que dizem respeito à vida do homem. Quem não as levar em conta, fere a vontade de Deus e a característica fundamental do ser humano. Alguns incluem ainda o Estado e a Igreja, mas estes, como tais, só existem depois da queda.

### 3. Elaborar uma antropologia sadia

Um dos pecados fundamentais do homem tem consistido no seu inconformismo com o fato de ser criatura, e o seu anseio doentio de ser igual a Deus. O relato da criação nos leva a diferenciar definitivamente entre criador e criatura, e a constatar que a criatura está no seu devido lugar quando se aceita como tal.

Descobrir-se como criatura de Deus pode se tornar uma alegre experiência, quando a pessoa se apercebe do amor do Criador investindo a alto risco na criação do homem. Este tem um importante papel a desempenhar na obediência a Deus e domínio no mundo.

E o homem, enquanto não se aceitar como criatura e reconhecer o Criador, não se achará como pessoa. Indo um passo além, H.Thielicke diz que "uma pessoa que se afasta do Senhor da criação perde, com o tempo, a própria criação" (20). Sob a mão do homem, transforma-se o mundo, dividindo-o em primeiro, segundo e terceiro, de conformidade com o desenvolvimento alcançado justa ou injustamente, tornando-o uma vasta zona de tensão entre Oeste e Leste, num palco de corrida armamentista, de avanço atômico, de zonas de influência. Ou aproximamo-nos do "fantasma de idéias" do existencialismo com seus secos gritos do abandono e falta de alternativa, ou contemplamos alguns quadros de Picasso, para reconhecer que: "Não nos afastamos apenas do Salvador e, com isso perdemos a paz, mas concomitantemente e relacionado com isso, se nos escapou também o mundo, no sentido como Deus o queria para nós". (21)

Só há realização e sentido para o homem na medida em que ele reconhecer a Deus como o seu criador, e a si mesmo como criatura chamada a uma nobre tarefa, na obediência a Deus. Esta é a base de uma sadia antropologia.

#### 4. Viver liberto e sem medo

A natureza é natureza. O mundo é mundo. Todo o mundo nos é dado como espaço para a vida. Esta não depende das estrelas, do sol ou da lua, nem do homem, mas de Deus somente. Toda consulta a essas grandezas da natureza como fornecedores da verdade, ou objeto de veneração - desde o horóscopo até as religiões panteístas, passando pela vaca sagrada da Índia - deve ser dessacralizada e o mundo liberto para o exercício do nosso domínio responsável.

#### 5. Dominar é tarefa comum

Na tarefa de domínio delegada a Adão está

simbolizada toda a comunidade dos homens e sua tarefa. O domínio da natureza é encargo de todos, e não de apenas alguns grandes dominadores. Os limites do domínio são bem claros e não incluem o homem. Como tal, somos todos iguais, mesmo exercitando diferentemente nossa responsabilidade. Nenhum homem tem direito de domínio sobre outro homem: nem econômico, nem político, nem social, nem ideológico, nem religioso. Na convivência entre os homens deve-se exercitar a comunhão e o respeito.

#### 6. O relacionamento com a natureza deve ser responsável

Em Gn 1, logo após o mandato do domínio, Deus concede ao homem as ervas e os animais para mantimento. O exercício do domínio se dá no fato de o homem zelar pela preservação e propagação dos componentes do quadro natural e no seu uso como mantimento na medida das necessidades.

Toda destruição irresponsável é pecaminosa, todo acúmulo desnecessário é ilícito e todo usufruto individualista em prejuízo da coletividade é condenado. Isto tem relação com a questão ecológica, a distribuição dos recursos e rendas e o consumismo individualista.

#### 7. A relativização da propriedade particular

A terra não é propriedade do homem, mas espaço para o exercício da sua responsabilidade e execução do seu trabalho. Toda a terra pertence a Deus, sendo o homem apenas o mordomo.

A propriedade privada não é necessariamente uma instituição sagrada, tornando-se ilegítima quando não sabe levar em conta a necessidade da comunidade. Precisamos redescobrir os princípios do jubileu.

## 8. O machismo e o feminismo são condenados

Toda tentativa de superioridade do homem sobre a mulher ou de independência e autonomia arrogante desta encontram a sua negativa na Palavra de Deus.

São há homem completo quando são homem e mulher. Em Gn 1 são criados juntos e em Gn 2 a mulher é criada em função do evidente estado incompleto de Adão. Não há superioridade, mas complementação. E em direção a isso é que devemos caminhar.

Parece-me que esses pontos oferecem uma agenda fértil, que quer nos acompanhar na caminhada do reino.

Adiante! Viva a vida! Glória a Deus!

### NOTAS

- (1) BARTH, K. *Dogmatik in Grundriss*. EVZ. Zürich, 1947. p.53.
- (2) KIRK, Andrés. *Así Confessamos la Fe Cristiana*. Buenos Aires, La Aurora, 1976. p.70.
- (3) BRUNNER, Emil. *Man in Revolt*. Filadélfia, The Westminster Press, 1947. p.90.
- (4) KIRK, *ibid.*, p.78.
- (5) WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo, Loyola, 1975. pp. 132 e 211.
- (6) WOLFF, *ibid.*, pp.212/213.
- (7) QUIROZ, Pedro Arana. *Providencia y Revolución*. Madrid. p.35.
- (8) KÖHLER, Ludwig. *Der hebräische Mensch*. 1935. p. 1120.
- (9) WOLFF, *ibid.*, p.218.
- (10) BARTH, *ibid.*, p.66/67.
- (11) RAD, Gerhard von. *Christliche Weisheit*, em: *Ev th* 31. 1971, p.151.

- 
- (12) WOLFF, *ibid.*, p.130.  
(13) KIRK, *ibid.*, p.78, nota 1.  
(14) THIELICKE, Helmuth. *Wie die Welt Begann.* Stuttgart, Wueled-Verlag, 1964. p.15.  
(15) CULMANN, Oscar. *Christus u. d. Zeit.* Zürich, EVZ-Verlag, 1962, 3.ed., pp.33-40 e 105.  
(16) BARTH, *ibid.*, p.60.  
(17) WOLFF, *ibid.*, p.218.  
(18) BARBÊ, Domingos. "Conseqüências Políticas da Redenção." Em: *Firmeza Permanente.* São Paulo, Loyola, Veja, 1977. p.164.  
(19) QUIROZ, *ibid.*, p.31.  
(20) THIELICKE, *ibid.*, p.22.  
(21) THIELICKE, *ibid.*, pp.22/23.

CONGRESSO BRASILEIRO DE EVANGELIZAÇÃO  
(Belo Horizonte - 1983):  
Considerações pessoais e artesanais

*Valdir Raul Steuernagel*

UM EVENTO NO CORAÇÃO DE DEUS

O Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE) foi um acontecimento marcante na minha vida. Não apenas por causa daqueles poucos dias nos quais este evento aconteceu, mas em função de uma caminhada que foi bem mais ampla. A idéia de um congresso de evangelização acompanhou a minha vida a partir de novembro de 1979, por ocasião da II Consulta Latino-americana de Evangelização. De lá até outubro de 83 não consegui largar essa idéia/vocação. Foi uma larga trajetória, às vezes marcada pela indecisão e conflito, mas sempre com a convicção de que era necessário prosseguir.

É preciso dizer ainda que o Congresso teve lugar num momento muito específico e vivencial. Outubro de 83 está dentro de um contexto no qual Deus está atuando com muito carinho na minha vida. É por isso que olho para Belo Horizonte - Mineirinho com um sentido de profunda gratidão a Deus. Gratidão por aquilo que Deus está fazendo na minha vida em relação ao anseio de discernir o caminho da obediência, ter um relacionamento profundo com Ele, louvã-lo mais expressivamente e ter um ministério revestido do Espírito Santo.

No CBE o Senhor me deu dois momentos muito profundos de percepção da sua presença. Um deles tem relação com a minha palestra. Foi muito especial. Eu não estava sozinho. A unção do Senhor foi vitalizadora. O segundo tem relação com a palestra de encerramento do P. Caio. Sua síntese foi muito feliz e sua comunicação foi revestida do poder do Espírito.

Mas, no caminho de volta, sentado no ônibus, não sabia direito o que dizer, nem como avaliar. Esse sentimento meio amorfo me acompanhou por algum tempo.

Por momentos parecia que eu havia perdido o "Kairós". Havia discernido, percebido, orado pelo "Kairós" no período pré-congresso; mas na hora da "máquina" começar a funcionar, ela me absorveu. Dei trela à minha natureza e fui uma "Marta", a correr desvairadamente de um canto ao outro. Encerrado o Congresso, o gosto de ressaca habitava o céu da boca.

Conversando com as pessoas aqui e acolá, no entanto, fui sendo alegrado. Elas estampavam, na sua maioria, uma saltitante alegria pelo evento vivido. "Eu precisava disso" me disse um velho guerreiro no Reino. "Para mim existe antes e depois de BH", compartilhou um jovem pastor. "Eu senti a importância do Congresso na transformação da vida do líder da minha igreja", disse um obreiro da seara.

O CBE não pode ser avaliado ainda, é verdade. Com o decorrer dos anos se concluirá a respeito da sua instrumentalidade, ou não, para a jornada do Reino neste nosso país.

Mas a gratidão profunda a Deus pode ser expressa, formulada: Graças a Deus por este histórico acontecimento. Haverá outros, certamente, mas nenhum será igual, como já disse alguém.

Queria fazer algumas considerações à guisa de avaliação. Faço-as a partir de um compromisso triplo:

- a) com a Palavra de Deus, atualizada pelo E.S.;
- b) com a Igreja, o corpo vivo de Cristo e sua urgente tarefa missionária;
- c) com a justiça e a realidade, na opção pelo pequeno.

Quando um participante da América Latina me perguntou como nós conseguimos reunir tanta gente tão diferente, quer dizer, de tão diferentes matizes denominacionais e/ou teológicas, eu lhe dei três razões:

- 1) A proposta do CBE se validou por si, pois caiu num terreno fértil.
- 2) Há uma geração nova que busca pela unidade, querendo vencer a rigidez separatista e o "caciquismo".
- 3) A liderança do Presidente do CBE, Dr. Manfred Grellert, e o espaço que ocupa hoje no Brasil cristão, a partir e/ou apesar da Visão Mundial.

É evidente que estes três pontos devem ser entendidos dentro do contexto do Kairós, que é consequência única e suficiente do sopro do Espírito que nasce no coração de Deus e aponta para Jesus Cristo - rumo à evangelização do Brasil nesta geração e à sinalização do Reino no seio do nosso povo e realidade.

Creio que ecoaram três clamores coletivos no Mineirinho:

- a) o clamor do amor na realidade do Corpo de Cristo. Já teria havido outro momento, na história da igreja evangélica no Brasil, onde a oração pelo vínculo do amor no relacionamento entre os irmãos ecoasse tão uníssona?
- b) o clamor pela unidade. A busca pela unidade dos cristãos e a prática da oração sacerdotal por esta mesma unidade marcou

---

os congressistas e mostrou, representativamente, ser o anseio de grande parte da atual geração de cristãos;

- c) o clamor da responsabilidade para com o homem todo no contexto do seu habitat. O homem e a realidade brasileira foram uma descoberta imensa neste congresso. Já não se pode falar da evangelização do Brasil sem se levar em conta a sua gente e realidade.

Refletir sobre o congresso significa também perceber as lacunas e praticar uma saudável auto-crítica. Eu inicio com o que julgo mais importante.

A Evangelização do Brasil: o grande buraco do congresso foi a falta de uma abordagem mais específica quanto a evangelização do Brasil. Falamos é claro, sobre a necessidade da evangelização mas era necessário ser mais concreto e estratégico. Havia um dia, no programa, no qual dever-se-ia fazer isto, mas o objetivo não foi alcançado. Deveríamos, no meu parecer, ter dedicado mais atenção para a estratégia da evangelização do Brasil e dado um lugar mais vigoroso para o testemunho acerca do que já se faz acerca da mesma.

Exposição Bíblica: senti falta de uma exposição bíblica diária e seqüencial. Quando se compõe um programa, como o do CBE, a tentação é a de incluir isto e mais aquilo e o resultado é uma espécie de inchaço. Creio que teria valido a pena dar tempo para exposição bíblica sistemática.

A realidade e a questão social: uma das grandes virtudes do CBE foi nos revelar o homem brasileiro e o lugar onde vive, e que este é essencialmente pobre. Ainda assim, faltou uma abordagem mais específica do problema da cultura brasileira e toda a questão do sincre-

tismo religioso. Um congresso de evangelização não poderia deixar de considerar com mais determinação este problema, que é de cunho espiritual/social e exige da parte da igreja uma clara posição.

Parecia, ainda, que muitos preletores sentiam necessidade de integrar a "questão social" nas suas abordagens, o que não era absolutamente necessário. No programa do congresso havia espaço para uma abordagem missiológica que consideramos ampla e integral. Era só segui-lo.

Muitos dos congressistas sentiram que não houve espaço, no CBE, para o seu estilo de louvor. Nesta área, houve uma sentida e lamentável unilateralidade. Percebemos, ainda, que é muito importante que os preletores convivam com os congressistas durante todos os dias.

Poderíamos abordar algumas questões de logística que são muito importantes, mas não são o nosso objetivo. Mesmo não tendo uma infraestrutura suficiente para um evento desta ordem e dimensões, creio que o andamento do CBE foi razoável, apesar do susto da primeira hora e dos descarrilhamentos cotidianos.

Queria deter-me um pouco mais no *Compromisso de Belo Horizonte*. Parece-me importante refletir sobre os acontecimentos em torno do mesmo.

Optou-se, na Comissão Executiva, pela elaboração de um compromisso que pudesse ser apoiado e levado pelos congressistas a partir de B.H.

Elaborou-se, então, um compromisso provisório que foi distribuído e posteriormente recolhido visando avaliar as sugestões que chegassem, e partir para a reelaboração do Compromisso de BH, na sua forma final.

Foi importante sentir o corpo dos congressistas e escutar os irmãos: exercitar o corte

---

aqui e inclusão acolã. É pena, no entanto, que não houvesse possibilidades maiores de se conversar sobre as questões que foram levantadas e discernir um pouco as origens das mesmas.

Pensando e conversando, faria as observações em dois pontos:

- a. Foi bastante positiva a reação de pessoas e grupos. Nas respostas se pode averiguar isto. Algumas reações foram surpreendentes pela sua origem, naturalidade e força. Outros havia que queriam um documento mais incisivo na questão profética. Não por último, houve o grupo do silêncio que não se manifestou, ou por concordância ou por indiferença.
- b. Havia muitos irmãos que tinham observações críticas e questionamentos a fazer. Podemos vê-los em duas áreas:
  1. os estrangeiros, que queriam ver expresso no Compromisso uma exata linguagem dogmática, conforme a sua realidade de origem e conforme a tradução que aprenderam no Brasil. Neste caso se percebe um mundo de conflitos e formulações teológicas, que não são necessariamente os nossos. Mesmo sendo forâneos, no entanto, são-nos impostos como camisa de força, acrescidos, por vezes, de uma acentuada rigidez até de fundo emocional. Não seria esta a religião do medo?
  2. oriundo do "mundo da ortodoxia" onde, em casos, se percebe mais uma maior preocupação com a precisa formulação dogmática do que com a vida e missão da igreja. Não se vive, neste caso, o "AI-5 da religião"? A história da igreja nos ensina a respeito do resultado de uma tal ortodoxia. Geralmente ela traz em si uma acentuada rigidez quanto à letra, mas peca pela ausên-

cia da vida. O movimento do pietismo, com sua ênfase na conversão, edificação e comunhão é, por exemplo, resposta a uma época onde a ortodoxia era uma palavra forte.

Como exemplo, quero citar o terceiro ponto do compromisso, que tem relação com as Escrituras e diz: "com as Sagradas Escrituras como a inspirada e infalível Palavra de Deus, autoridade absoluta para todo o povo de Deus e para toda a evangelização".

Creio absolutamente na suprema autoridade da Bíblia, como Palavra de Deus. Sinto, por isso, a liberdade de manifestar-me em relação à pressão ocorrida no congresso para que se incluíssem no compromisso palavras como "infalível", "inspirada", "inerrante" ... A reação que esboço não tem relação com a Bíblia, mas com o arcabouço ideológico que acompanha essa linguagem. Gostaria de expressá-lo nas palavras de um irmão pentecostal, que é professor de AT nos EEUU. Ao abordar a situação hermenêutica dos estudos bíblicos e teológicos nos EEUU ele diz: "Neste artigo, eu defendo a tese de que o termo 'inerrância' não é simplesmente uma afirmação positiva acerca da Escritura. Muito simplesmente, ele é preferido por vários líderes evangélicos conservadores, em relação a outros termos, como 'infalibilidade', por causa de sua função prática como uma senha para penetrar na intimidade do jogo de uma série de instituições, imprensa e associações profissionais.

Esta precisa reivindicação teológica e hermenêutica torna-se relativa, em função de lealdade política a um 'status quo' predominantemente branco e do mundo evangélico no norte. Este 'establishment' é, geralmente, a herança política dos fundamentalistas nos EEUU, que caminha de mãos dadas com o patriotismo tipo 'nação escolhida' e o pessimismo pré-milenista, acompanhado por vezes de uma imobilidade em relação aos pecados sociais no mundo".

---

Será que no CBE não cedemos a este tipo de pressão ideológica e forânea? Esta não é a nossa agenda. Para nós, a autoridade da Palavra e a necessidade de vivê-la e anunciá-la deve ser pacífica. Digo, inclusive, que a autoridade da Bíblia deve ser tão profunda que questione a própria elaboração teológica, a formação dogmática e a sua forma de expressão. É necessário, no entanto, expressar esta verdade dentro do nosso contexto, e não precisamos nem devemos expressá-lo segundo parâmetros, ideológicos ou não, que nos sejam estranhos.

Como resultado, poder-se-ia dizer que o compromisso perdeu a sua agucidade e um pouco da sua força. Ainda assim, no entanto, creio que ele estabelece, junto com a explicitação teológica dos objetivos do CBE e o pacto de Lausanne, a agenda teológica para a igreja brasileira para os próximos anos.

Este foi um congresso artesanal, brasileiro, adaptado a um momento de crise (mesmo que muita comida tenha sobrado). Isto precisa ser reconhecido e agradecido. Poderia ser ainda mais Brasil, com testemunho de pessoas envolvidas com igrejas interioranas, de favela, ... com música nativa, com presença indígena, com a realidade da mulher, com a seca do Nordeste, mas não tínhamos nem os recursos, nem a visão para isso.

À medida que se passam os dias, solidifica-se a minha gratidão a Deus e a convicção do "Kairós". Isto aumenta a responsabilidade para o futuro que está aberto e a agenda que está colocada. Vamos respeitá-la e trabalhá-la: a evangelização integral, intensiva e ousada do homem brasileiro no seu contexto específico. Vamos estabelecer igrejas vivas, como sinal do Reino, anúncio de graça e denúncia de pecado, até que o Senhor venha. A descoberta do homem e da realidade brasileira como afetos diretos

ã vida da igreja já não pode ser encoberta.

A jovem igreja evangélica brasileira está embebida de esperança. Este congresso e o seu conteúdo seria inimaginável há apenas dez anos atrás. Hoje ele faz parte da nossa história, com o candente desafio de uma evangelização que seja digna da magnitude do desafio deste país continente e ousada no confronto com a realidade de um homem e um país sofrido.

Sobre "furacão de Deus"! Derrube o velho mundo e crie o mundo novo da paz e da justiça: o reino de Jesus. Maranata!

---

## COMPROMISSO DE BELO HORIZONTE

Nós, membros das mais variadas igrejas evangélicas e oriundos das diferentes regiões do Brasil, nos reunimos em Belo Horizonte, de 31 de outubro a 05 de novembro de 1983, no Congresso Brasileiro de Evangelização.

Agradecemos profundamente a Deus pela visão que tornou possível este congresso e pelo sopro do Espírito Santo, que mobilizou homens e mulheres de todo o país para este significativo encontro com Jesus Cristo, sua Palavra e de uns com os outros, numa expressão do Corpo de Cristo.

Com alegria assumimos este compromisso, como testemunho às igrejas evangélicas e a toda a sociedade deste país, como sinal concreto do nosso compromisso com Jesus Cristo e com o homem brasileiro.

Identificamo-nos com o espírito do Pacto de Lausanne e com os objetivos deste Congresso Brasileiro de Evangelização e sua explicitação teológica como componentes importantes na agenda da Igreja para os próximos anos.

Somos profundamente gratos a Deus pelos pais da Igreja que nos antecederam na caminhada da fé. O espírito dos pioneiros e mártires é um precioso legado que continua dando frutos em nossas vidas e para a obra de Deus.

Este congresso nos possibilitou olhar pa-

ra trás e, arrependidos, reconhecer as nossas lacunas e falhas. A evangelização é uma tarefa inacabada. Por vezes, nos temos acomodado, satisfeitos com a quantidade e negligentes com a qualidade. Admitimos que nos temos deixado ludibriar pelo brilho enganoso dos valores de um mundo que tenta comprar a nossa fidelidade e conquistar o nosso coração. Diante de abundantes manifestações de pecado, como violência, injustiça, desequilíbrio e depravação, por vezes nos temos omitido e apoiado, com nossa indiferença, estes sinais de morte.

Maravilhamo-nos com a revelação de um Deus que vem ao nosso encontro e nos manifesta, em Jesus Cristo, o seu profundo amor e o desejo de nos salvar. Reafirmamos a evangelização como mandamento de Cristo e como a suprema e urgente tarefa da Igreja.

#### POR TUDO ISSO NOS COMPROMETEMOS:

1. com o Deus triúno, Pai, Filho e Espírito Santo;
2. com Jesus Cristo, o Senhor, nosso único e suficiente Salvador e cabeça da Igreja;
3. com as Sagradas Escrituras como a inspirada e infalível Palavra de Deus, autoridade absoluta para todo o povo de Deus e para toda a evangelização;
4. com a Igreja, corpo vivo de Cristo, cuja missão é ser sal da terra e luz do mundo;
5. com o anúncio claro, tanto falado quanto vivido, do Evangelho na sua totalidade, para todos os homens do território brasileiro;
6. com a edificação de uma igreja viva, que evangelize ousadamente e seja uma expressão visível de Deus neste mundo e um claro convite à salvação, pela graça e mediante a fé, do homem caído;
7. a assumir de forma mais ampla a nossa res-

- 
- ponsabilidade missionária, respondendo à ordem de Jesus Cristo e ao "clamor macedônico";
8. a exercer ministério profético, pastoral e intercessório, segundo as Escrituras, sob a direção do Espírito Santo, diante dos desafios de nossa realidade;
  9. com a vocação de servos, seguindo o exemplo do Mestre, a levar uma vida humilde e simples, dedicada, em amor, a todos os homens, e em especial ao fraco, doente, pobre e necessitado;
  10. a buscar a unidade fraterna da Igreja, no testemunho e no trabalho, conforme a oração de Jesus: "a fim de que todos sejam um ... para que o mundo creia" (Jo 17.21);
  11. a assumir o homem brasileiro, objeto do amor de Deus, no contexto dramático da realidade do nosso país, apresentando-lhe uma palavra de fé e esperança, mediante a cruz redentora de Jesus Cristo;
  12. a vigiar, orar e trabalhar, enquanto esperamos "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2 Pe 3.13), identificados com o gemido da criação que anseia pela sua redenção final.

COMPROMETEMO-NOS AINDA:

- a. a colocar todas as nossas forças e energias, todos os nossos recursos e possibilidades, a serviço de Jesus Cristo, no contexto de sua Igreja e missão;
- b. a orar pela obra da evangelização e interceder uns pelos outros;
- c. a anunciar e a viver o Evangelho, que "é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16) e a definitiva opção de vida para todos os homens e o homem todo, seja ele quem for e onde quer que esteja.

COMPROMETEMO-NOS, FINALMENTE, COM A EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL NESTA GERAÇÃO.

Que Deus nos oriente para o pleno cumprimento deste propósito, nos encha com o poder do Espírito Santo e nos mantenha fiéis à sua Palavra, a fim de que o Brasil e o mundo ouçam a voz de Deus.

Belo Horizonte, 5 de novembro de 1983.

---

"A EVANGELIZAÇÃO É A PROVA DA NOSSA  
VOCAÇÃO ÉTICA"

Assim como na oração de Cristo, em João 17, é a unidade visível que leva o mundo a crer, também no Sermão do Monte é o visível padrão de vida dos discípulos, ilustrado pelo "sal", "luz", "cidade sobre o monte", que leva as pessoas a glorificarem o Pai celeste. O mesmo texto nos leva a caracterizar o amor ao inimigo como especialmente fundamentado na própria natureza de Deus. Será que isto nos ajuda a definir a paz de uma forma mais precisa e graciosa? Como o amor ao inimigo, enraizado no indiscriminado cuidado de Deus pelo bem e pelo mal, nos ajudaria na formulação do conceito de justiça?

A questão pode também ser considerada em termos experimentais e históricos. Como a credibilidade do evangelismo tem correlacionado a presença ou a ausência do amor ao inimigo como um componente da mensagem? Ou podemos considerar a questão em termos psico-sociais: será que as inevitáveis e concretas opções na luta pela "paz" ou pela "justiça" aumentam ou diminuem o convite ao adversário, para que se reconcilie com Deus ou com a humanidade através da cruz? Considerar o adversário como um convertido em potencial (por quem Cristo morreu - 1 Co 8) modifica a nossa tática de ação? Temos que considerar o nosso adversário sempre

---

como perdido, por ser ele instrumento do mal estrutural, independente do seu controle pessoal?

Cristo estabeleceu a paz entre os povos, tanto os de dentro como os de fora, pelo sangue da cruz (Ef 2); poderia existir pacificação em nome da própria sobrevivência ou dos próprios direitos de alguém? Podemos comunicar o significado da cruz além dos limites da interioridade, sem relativizarmos os conceitos de justiça que se baseiam na auto-afirmação e numa contestação nula (em que a única forma de um partido ganhar é às expensas do outro)?

Cristo anunciou as bondosas exigências do reino indestrutível da justiça divina. Ele convocou os ouvintes da sua mensagem a se arrependerem e se juntarem ao seu movimento. Nas palavras de Paulo, as armas deste movimento, por não serem carnais, são "poderosas para destruir fortalezas" (2 Co 10). Poderíamos descrever a qualidade deste combate, traduzindo-o em linguagem contemporânea, como sendo "destituído de poder", "paciente" ou "pacífico"? Pode o evangelismo nem sempre ser uma chamada às armas?

*John Yoder* - um comentário  
(International Review of Mission - Oct., 83  
WCC - Sixth Assembly: A missionary perspective)

---

DOS EVANGELICAIS EM VANCOUVER:  
UMA CARTA ABERTA

Há, nesta 6ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, muitos evangelicais, provenientes de todas as partes do mundo e que aqui vieram como delegados e observadores, conselheiros e visitantes, oradores e representantes da imprensa. Muitos são membros de igrejas associadas ao CMI. Muitos têm andado juntos, compartilhando freqüentemente suas impressões e interesses comuns durante estes dias. Essa carta representa nosso profundo desejo de testemunhar daquilo que, segundo cremos, Deus tentou nos falar através dos cristãos que encontramos, das palavras que ouvimos e das atividades oficiais realizadas aqui em Vancouver. Não falamos aqui em nome das nossas igrejas e nem de todos os evangelicais presentes à Assembléia.

O tema de Vancouver é "*Jesus Cristo - a Vida do Mundo*". Impressiona-nos, uma vez mais, a rica diversidade e complexidade do movimento cristão mundial. Consideramos a exploração deste tema uma experiência estimulante, especialmente porque a Assembléia procurou convocar os cristãos de toda parte a serem mais fiéis à sua tríplice tarefa: pastoral, profética e apostólica. Conseqüentemente, sua preocupação constante é que as igrejas sejam espiritualmente renovadas (aspecto pastoral), que elas se tornem socialmente responsáveis (as-

---

pecto profético) e que manifestem diligência no seu testemunho holístico ao evangelho (aspecto apostólico).

À medida que fomos mergulhando nestes dias abarrotados de apresentações, reflexão e interação, foi-se tornando evidente que Vancouver 1983 marca um significativo progresso em relação às duas últimas Assembléias (Upsala 1968 e Nairobi 1975), quanto à envergadura de sua orientação espiritual e bíblica. Isto se evidenciou das seguintes formas:

A dimensão do louvor foi tanto central quanto espiritualmente refrescante. Nas sessões plenárias e nos cultos diários, desfrutamos de uma calorosa comunhão fraternal, enquanto nos elevávamos a Deus em oração e louvor.

O maior espaço dado à exposição bíblica e a afirmação de temas bíblicos básicos em sessões plenárias representaram uma inconfundível lealdade à fundamentação histórica da nossa fé cristã.

As mensagens bíblicas sobre a natureza e a missão da igreja, apresentadas em temas como Jesus Cristo, vida e o mundo, prepararam o caminho para sérios esforços de relacionar estas verdades com os problemas hoje enfrentados pelos cristãos.

Os Ortodoxos, com seu trinitarismo, sua espiritualidade e sua participação em grupos de discussão nos seus vários níveis, fizeram-nos lembrar alguns dos tesouros não negociáveis da igreja, enquanto que outros segmentos da igreja mundial nos chamaram a encarar as urgências dos nossos dias.

Ficamos profundamente angustiados com as terríveis injustiças comumente cometidas contra os pobres, os desprovidos de poder e os oprimidos através do mundo. Mais uma vez, percebemos que as questões do desarmamento nuclear

---

e da paz poderiam tornar-se uma preocupação e desviar a atenção de assuntos igualmente urgentes, tais como privação, injustiça, direitos humanos e liberdade.

Descobrimo-nos sentados lado a lado com muitos que se negavam a crer que os poderes da opressão, morte e destruição terão a última palavra quanto à existência humana.

Finalmente, e o mais importante de tudo, representantes de todos os segmentos da igreja conclamaram a Assembléia a aceitar a realidade de que Jesus Cristo é de fato a vida do mundo. Falaram tanto homens quanto mulheres. Os jovens e os desvalidos foram ouvidos. Até as crianças. E os clérigos ordenados não fizeram qualquer tentativa de dominar o ministério da Palavra de Deus.

Desde que o Conselho Mundial de Igrejas foi formado, em 1948, em Amsterdã, cada Assembléia ocorrida sempre tem sido singular. Vancouver não foi uma exceção. Nos seus guias de estudo, grupos de discussão e nas conversas pessoais, realmente se podiam perceber várias preocupações:

\* Que os cristãos devem evitar rigorosamente qualquer compreensão docética do evangelho. A igreja só pode ser renovada hoje se encarar com coragem a relação que há entre Jesus Cristo e a totalidade da experiência e necessidade humana. Percebe-se unilateralidade em uma preocupação com "lutar pela fé" que ignora, ao mesmo tempo, um mundo que avança para as chamadas.

\* Que, à medida que a igreja avança nos anos 80, todos concordamos que os cristãos estão cada vez mais sendo arrancados da sua reflexão bíblica e teológica para centralizarem sua atenção na condição dos pobres - aqueles a quem Cristo particularmente escolheu para ouvirem as boas novas do Reino (Lc 4.18,19).

\* Que cada vez mais é reforçada a percepção da Igreja quanto às dimensões demoníacas do mal estrutural. Estas são não somente ofensivas a Deus, como também destrutivas às pessoas, como qualquer mal pessoal. Um oficial do CMI falou por muitos, quando relacionou o pobre com "a mais preemente preocupação missiológica da igreja: a centralidade de Jesus Cristo. Somente Cristo é a vida do mundo e apenas ele pode lidar com o problema do mal. Mas ele tem que ser proclamado a todos os povos. E a maioria dos que ainda não ouviram o evangelho são os pobres.

\* Que a preocupação dominante da igreja hoje é a interrelação entre a justiça e a paz. Estas não podem ser separadas. Nós percebemos que esta questão tem implicações tanto verticais quanto horizontais. Além disso, a visão bíblica de justiça com paz através de Jesus Cristo, a vida do mundo, foi apresentada, não como uma entre várias opções para aqueles que desejam segui-lo, mas, sim como a única opção.

Sentimo-nos movidos a nos juntarmos a centenas de pessoas dos Estados Unidos e da América Central que, num pacto conjunto, propuseram-se a buscar uma melhor compreensão das questões envolvidas no atual conflito da América Central, como um passo concreto na busca da realização da paz com justiça naquela área.

Como evangelicais, alegrou-nos ver que a Assembléia não se restringiu simplesmente à tarefa profética da igreja. Foram incluídos também a alimentação espiritual dos cristãos e seu testemunho perante o mundo descrente. Mas nós não seríamos fiéis às nossas convicções evangélicas se simplesmente endossássemos as afirmações positivas feitas em Vancouver. Preocuparam-nos algumas declarações ocasionais que implicavam que, à parte de Jesus Cristo, o mundo poderia ter vida. Nem todas as palestras refletiram perspectivas altamente cristológicas e soterio-

lógicas. Houve ocasiões em que tivemos vontade de levantar o conclamar o CMI a ser coerente com suas próprias bases: "Uma comunidade de igrejas que confessem ao Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, de acordo com as Escrituras, procurando, portanto, cumprir em conjunto o seu comum chamado para a glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo". Era uma questão de garantir que a liderança do CMI tem como responsabilidade solene manter esta confissão em todos os seus programas públicos.

Na verdade, nenhum de nós quer julgar a Assembléia pelas declarações de alguns preletores. Não obstante, no final da segunda semana de deliberações, gostaríamos de fazer as seguintes observações:

Embora o Comitê Central do CMI tenha aprovado (1982) um estudo bastante evangélico e esclarecedor (*Missão e Evangelismo: uma Afirmação Ecumênica*), desapontou-nos o fato de não ter sido este citado em uma única palestra no plenário. Foi gratificante para nós o haver sido esta *Afirmação* fortemente apoiada no "Relatório do Comitê de Diretrizes para o Programa", em outros relatórios e na Mensagem da Assembléia às Igrejas. Nenhum documento ecumênico tem sido tão bem acolhido entre os evangélicos. Na realidade, o conselho dos evangélicos foi amplamente procurado na sua preparação. Além disso, a Assembléia não deu tanta importância ao vergonhoso fato de que, numa fase tardia na história da igreja, mais de três bilhões de pessoas ainda precisam ouvir o evangelho de Cristo, a despeito do mandato de Cristo de que ele fosse pregado a todas as nações. Nós não sentimos que a Assembléia tenha tratado adequadamente, nem a proclamação do evangelho, nem as dimensões convidativas do evangelismo.

Em certas ocasiões, a linguagem tornava-se bem vaga e a teologia pior ainda. Por exemplo, enquanto se ouvia frequentemente na Assembléia

que o pecado traz alienação social, pouco se disse a respeito da alienação espiritual - do próprio Deus. Como resultado, a dimensão redentora dos sofrimentos de Cristo na cruz não foi particularmente enfatizada. Além disso, enquanto se tratava de questões maiores, referentes à ética social, raramente se abordavam preocupações éticas a nível mais pessoal. Em suma, houve momentos em que nós gostaríamos que a relevância que foi dada a alguns dissidentes teológicos tivesse sido concedida a vozes evangélicas da igreja. Felizmente, nos grupos de discussão ouvimos homens e mulheres evangélicos, cuja participação deixou bem evidente a sua preocupação em lembrar aos colegas delegados a autoridade bíblica e o testemunho no que se referia aos assuntos tratados. Como evangélicos, estamos convencidos de que, se Jesus Cristo é a vida do mundo, sua declaração de que suas palavras são espírito e vida (João 6.53) não deve ser menosprezada.

Tudo isso nos leva à questão crucial: Qual deveria ser a resposta evangélica aos muitos sinais de crescimento e renovação discernidos na Assembléia? Deveríamos nós, os evangélicos, procurar envolver-nos mais diretamente no processo ecumênico?

Em Vancouver, alguns evangélicos permaneceram inflexíveis contra qualquer participação do CMI. Descobrimos, com tristeza, alguns cristãos zelosos distribuindo uma ofensiva literatura anti-CMI. Achamos deploráveis suas táticas e curvamos a cabeça de vergonha ao ouvirmos suas violentas denúncias. Na nossa opinião, a forma como eles agiram foi um falso testemunho contra seus companheiros.

Ao mesmo tempo, deveriam os evangélicos ver como significativa a crescente efetividade da contribuição ortodoxa, como também o desafio do CMI aos ortodoxos, quanto a ampliarem a sua missão no mundo? Não haveria a

---

possibilidade de os evangelicais terem não somente muito a contribuir, como também muito a receber através desse envolvimento ecumênico?

Não teriam também os evangelicais o dever de, junto com outros cristãos, tentarem superar o escândalo da desunião e da desobediência das igrejas, a fim de que o mundo creia (João 17.21)? Não deveriam os evangelicais procurar receber todos os que confessam a Jesus Cristo como Senhor, mesmo que discordem seriamente destes em questões teológicas que não constituam a essência do evangelho? Não existe uma ordem bíblica para nos apartarmos daqueles que não se apartam de Cristo. Não deveriam os cristãos acolher alegremente todos aqueles a quem Deus claramente recebeu? Não seriam estas alternativas - rejeição ou indiferença - totalmente incompatíveis com a afirmação do apóstolo Paulo, de que Cristo não está dividido (1 Coríntios 1.13)?

Nossa experiência em Vancouver desafiou os estereótipos que alguns de nós temos sobre o CMI. E nosso envolvimento com os processos e programas do CMI nos fez perceber, mais uma vez, as distorções do conceito popular dos evangelicais sobre este. Portanto, sentimos que deveríamos declarar publicamente nossa determinação de nos envolvermos mais ativamente, empregando todos os esforços na busca pela unidade e renovação da igreja. Por termos visto Deus atuando claramente aqui, só podemos compartilhar nossa crescente convicção de que os evangelicais deveriam questionar, a partir da Bíblia, a fácil aceitação do afastamento, fragmentação e isolamento paroquial que tende a caracterizar muitos de nós. Não deveríamos ser mais verdadeiros para com aqueles que professam o senhorio de Cristo? Não deveríamos preocupar-nos mais com a paz, a pureza e a unidade do povo de Deus em nossos dias? E se Deus permitir, com isso, a renovação da igreja, pela qual tantos oram, não acabará isso mesmo destruindo pa-

---

ra sempre essa heresia tão popular entre os  
evangelicais, de que só podemos renovar o cor-  
po de Cristo separando-nos dele, numa impla-  
cável crítica?

*(International Review of Mission,  
Oct 83. WCC - Sixth Assembly:  
a missionary perspective.)*

---

## O LABOR TEOLÓGICO NUM CONTEXTO LATINO-AMERICANO

*Pedro Savage*

### Notas de esclarecimento:

1. O labor teológico como uma vocação cristã verdadeira.
2. O labor teológico no contexto histórico.
3. O labor teológico no contexto latinoamericano.

### A Agenda Teológica Imediata:

1. Desenvolver uma abordagem hermenêutica e uma postura teológica.
2. Partir de Deus, de Seu Reino e da História.
3. Situar o pobre ou como fato sociológico, ou como chave hermenêutica.
4. Explicar que o pecado não é um conceito antiquado.
5. Definir que libertação é salvação: de que e para que?
6. Fundamentar que a nova humanidade está em Cristo Jesus ... "O Novo Homem".
7. Proclamar Cristo Jesus, que diz: "Quem dizem que eu sou?"
8. Enfatizar a natureza da Igreja como comunidade, missão e louvor.
9. Identificar o papel da Igreja e do Estado.
10. Afirmar o povo global: a interdependência dos seis continentes.

"Ó profundidade das riquezas,  
da sabedoria e da ciência de  
Deus! Quão insondáveis são os  
seus juízos e inescrutáveis  
seus caminhos! Porque quem en-  
tendeu a mente do Senhor? Ou,  
quem foi seu conselheiro?  
Porque dEle, por Ele e para  
Ele são todas as coisas.  
A Ele seja a glória pelos sé-  
culos. Amém. (Rm 11.33-36)

#### NOTAS DE ESCLARECIMENTO:

##### 1. O Labor Teológico como uma vocação cris- ta verdadeira

Para uma maior compreensão desta apresen-  
tação, é importante explicarmos o que se quer  
dizer com a expressão "*O labor teológico*". Pa-  
ra algumas pessoas, o labor teológico não che-  
ga a ser mais do que um estudo da realidade so-  
ciológica, sobre uma base empírica, com algu-  
mas historietas e analogias bíblicas para en-  
riquecer o conteúdo e, assim, dar à exposição  
uma autenticidade cristã. Para outros, o labor  
teológico é uma expressão popular do sentimen-  
to religioso, testemunho pessoal e/ou reflexões  
superficiais acerca da fé cristã. E ainda para  
outros, o labor teológico é, simplesmente, a  
repetição de fórmulas doutrinárias feitas em  
outras circunstâncias e explicadas naqueles con-  
textos.

##### Primeiro

O "labor teológico" é uma autêntica voca-  
ção cristã, um chamado de Deus a certas pessoas,  
as quais foram capacitadas por Ele para esta  
tarefa. Elas são uma dádiva Sua à Igreja para  
servirem como mestres da fé. Enquanto que todo  
cristão necessita que sua mente seja renovada  
(Rm 12.2), a fim de que se entendam verdades

---

espirituais e teológicas, isto ainda não lhes concede autoridade, a seu capricho, de elaborar e apresentar um discurso teológico. Existe um lugar ímpar e autêntico para a "função do magistério" da Igreja, que é a de aperfeiçoar todos "os santos" para o crescimento da Igreja.

### Segundo

Estas pessoas foram chamadas a "perceber a mente do Senhor", a estudar e refletir sobre a iluminação do Espírito Santo, a meditar sobre a Palavra, para que, no momento apropriado, falem com a autoridade de Deus sobre o que Ele lhes tem dado. Os teólogos precisam escutar o que Deus deseja comunicar. Este escutar de forma atenta e ativa talvez precise ser de meses ou até de anos, antes que um discurso final seja emitido sobre algum tema.

### Terceiro

As personalidades entram em jogo no processo de escutar, discernir e refletir. Deus permitirá que passem por experiências, provas e sofrimentos, com o objetivo de que os teólogos possam ser mais sensíveis ao que Ele está lhes dizendo.

Ainda mais importante é que a teologia nasce no culto: uma adoração a Ele, que nasce de uma visão dEle, por meio de Sua Palavra e de Seu Espírito, que chega ao mais profundo do ser. Existe um verdadeiro misticismo bíblico que requer do teólogo um caminhar junto a Deus, para escutar uma mensagem que, na maioria das vezes, não parece ter importância para esta geração.

Estas duas facetas se combinam: a obediência às suas exigências na vida diária e as experiências que Ele envia, e um verdadeiro prazer nEle, como teólogo, para que, assim, o vaso de barro seja um instrumento útil.

#### Quarto

O teólogo dedica-se a desenvolver uma mente: uma perspectiva bíblica e teológica sobre todo tema, valor e conceito. Existe uma luta para colocar todo o pensamento e idéia sob o juízo da Palavra. Isto envolve um questionamento honesto e aberto, que o confronta como pessoa, seja solteiro ou casado, pai ou filho, professor ou aluno, proprietário ou inquilino, governante ou cidadão, pobre ou rico, oprimido ou opressor, enfermo ou são, a partir de um quadro teológico coerente. Esta coerência não se dá somente no plano conceitual, mas também na relação entre a articulação conceitual e o viver diário do teólogo. Sua vida espelha suas convicções.

#### Quinto

O teólogo deve viver em seu século e enfrentar os problemas sem perder de vista as raízes históricas de cada problemática, sua estrutura e seu quadro filosófico. Todavia, o teólogo não trabalha como um sociólogo, um antropólogo ou um psicólogo, limitando-se ao empírico, mas esforça-se por refletir a partir de uma perspectiva bíblica, dando um juízo que reflita a perspectiva de Deus. Trabalha para entender o discurso das ciências sociais, mas não aceita apressadamente as conclusões sem examinar teologicamente o quadro teórico nas quais foram apresentadas. Ao mesmo tempo, resiste à colocação de chaves sociológicas, antropológicas, psicológicas e também filosóficas no mesmo nível das chaves bíblicas, na interpretação da Palavra de Deus.

#### Sexto

A teologia é, em essência, missiológica. Sua tarefa é desenvolver visões missiológicas com o objetivo de que a Igreja se mobilize no mundo, neste século. É sua tarefa ajudar a Igreja a romper com seus "acomodamentos" e sua

---

"escravidão" ao mundo que a rodeia para ser obediente ao seu Senhor. Uma obediência que a leva a questionar os elementos de "anti-reino" na sua cultura e no momento histórico em que vive. Sua tarefa pedagógica ajuda a Igreja a crescer em sua missão: sua tarefa profética estimula a Igreja a inserir-se no mundo; sua tarefa é proclamar o evangelho e enchê-lo de significado para este contexto e momento histórico, para que os que se converterem vivam verdadeiramente uma conversão integral e legítima.

#### Sétimo

O teólogo não é um estudioso de escritório. Ele é um cristão comprometido e envolvido com as realidades de sua Igreja "local" e com toda a tarefa da igreja no mundo. Reflete e escuta a partir da poeira da batalha na qual está envolvida a igreja, na "smog" (nevoeiro) dos problemas que a confundem e nas dores que criam angústia pela vida na sociedade. É a partir deste encontro pastoral que o teólogo fala. Ele vive com sua comunidade, que vive o arrependimento e o perdão; arrisca-se e se entrega em amor; cultiva a esperança e nela se enraíza. Vive e reflete a partir dos feitos e ações obedientes da igreja em sua missão. Esforça-se no Espírito por ser uma comunidade do Reino.

#### Oitavo

O teólogo está consciente de uma pessoa, a qual está sobre todas as outras, que lhe foi dada por seu Senhor para sua tarefa: o Espírito Santo. Sua tarefa não nasce meramente de uma reflexão conceitual e cognoscitiva; nem só de experiências místicas, mas sim, pela iluminação do Espírito Santo. É Ele, como autor da Palavra, quem por meio dela ilumina, sussura e dá estas intuições extraordinárias e sobrenaturais que dão impulso à tarefa.

---

## 2. O Labor Teológico no contexto histórico

A segunda explicação que se precisa dar é que o "labor teológico" acontece dentro de um contexto histórico.

O teólogo deve aproximar-se de sua tarefa com um alto grau de humildade, consciente de que vive *um momento em sua história* que possui raízes no passado. Como pessoa, foi moldado por sua história e pertence ao grupo social que compartilha deste mesmo "amoldamento". Consciente ou inconscientemente, compartilha com seu grupo social toda uma cosmovisão: valores, costumes e instituições sociais. Ele vive sua realidade social. Por outro lado, está consciente de que a cultura a que pertence está em processo de mudança. Como cristão e teólogo, embora não seja historiador, percebe as diferentes ligações que se entrelaçam para chegar a se concretizar o "momento presente" de sua história. É neste "entrelaçar-se" que padrões e estruturas sociais nascem e chegam a formar a sua sociedade.

Embora não seja sociólogo, o teólogo reconhece o que é *estrutura social*. Percebe as inter-relações entre as estruturas, sua dinâmica, seus conflitos, suas lutas e a maneira como chegam a conjugar-se naquilo que é seu contexto. Sem cair em determinismos históricos, sociológicos e psicológicos, o teólogo procura entender os fatores, a dinâmica e suas relações inter e intra estruturais, a fim de que a Palavra se dirija de maneira significativa a elas. Em sua análise do pecado, o teólogo procurará identificar não só as raízes pessoais, mas também as estruturais, que se têm desenvolvido como resultado da própria estrutura.

Por sua própria natureza, estas estruturas possuem de forma inerente algumas "forças e poderes". No mundo ocidental, o processo de industrialização e as metas que estão surgindo com ele têm produzido estruturas sociais hierárquicas de "poder", que correspondem a um

---

quadro teórico e ideológico. Cada ideologia tende a impulsionar um certo tipo de estrutura, dentro de um conjunto de pressupostos, metas e mitos.

Em contrapartida, em muitos contextos tribais, as estruturas correspondem a outros "poderes". Já não é o executivo, o ideólogo ou tecnólogo, mas sim, o bruxo ou curandeiro que maneja as chaves destes "poderes".

Estes poderes tendem a moldar a estrutura psíquica de quem nasceu e viveu dentro destas culturas. O homem, numa sociedade industrializada, tende a uma atitude e estilo de vida, necessidades pessoais e auto-valorização psíquica diferentes de quem não vive nessa mesma sociedade. As esperanças, temores, auto-valor, segurança interna, valores, etc., ajustam-se para produzir uma pessoa que pertence a seu contexto.

O labor teológico requer que o teólogo escute, reflita e fale a partir de seu contexto. Ele terá que conscientizar-se que seu discurso terá um marco histórico que nasce de seu contexto por um lado, e, por outro, como membro do corpo de Cristo, que estará contribuindo na edificação deste mesmo corpo a partir do lugar em que se encontra. Ao desenvolver sua perspectiva histórica a partir de seu contexto, ele também tomará consciência de sua perspectiva escatológica, a qual lhe permite transcender seu momento. Ou seja, se o teólogo possuir uma adequada compreensão da perspectiva escatológica bíblica da intervenção de Deus na história, poderá ensinar, guiar e estimular sua comunidade de crentes, em seu contexto, a viver da esperança e para a esperança da grande consumação de toda a história em Cristo Jesus. Esta perspectiva levará a Igreja a uma contínua renovação em seu contexto, a centrar-se em sua missão ao mundo, para servir fielmente ao Senhor em seu *momento histórico*.

### 3. O Labor Teológico no contexto Latino-americano

O labor latinoamericano tem que conscientizar-se que seu ponto de partida está na perspectiva de três grupamentos sociais, que são:

1º) As comunidades autóctones, que se encontram em diferentes lugares da América Latina e que possuem origens históricas milenares. Estas constituem 20% da população continental. Em muitos casos, mantêm suas próprias cosmovisões, valores, costumes e instituições sociais, apesar da onda de genocídio, opressão e humilhação cultural.

2º) O mestiço. São criolos, filhos de espanhóis e portugueses, os quais, na maioria das vezes, conceberam sua descendência durante a época colonial em relações ilícitas. Esta herança marcou a história dos povos latino-americanos, dando-nos uma história, uma língua, valores e tradições comuns. Existe uma história de colonialismo, ao qual se faz constante referência nas marchas, festas, discursos e literatura de cada país. Houve uma libertação política sem uma libertação psicológica integral.

3º) As populações migrantes, que se encontram no estados do sul do Brasil, Uruguai, Argentina e certas regiões da Bolívia e Chile, cujas histórias encontram suas raízes na Europa. Suas culturas, valores, instituições sociais e, em muitos casos, seu idioma são cultivados e protegidos zelosamente desde que deixaram a Europa (há uns 25 a 125 anos). Em muitos destes casos, a igreja é um instrumento social que serve de baluarte à cultura, onde se cultivam os valores, as esperanças e mitos do mundo distante.

A América Latina tem vivido continuamente distintas formas de colonialismo, em que a dependência é imposta e cultivada. Existe uma

---

longa história de roubo descarado de recursos primários ao longo dos últimos quatro séculos. As colônias foram estruturadas, tanto na forma jurídica como administrativa, para satisfazer as necessidades insaciáveis das metrópoles. Embora há mais de um século estas colônias tenham alcançado sua independência política, a dependência tem se agravado em todos os campos, seja econômico, tecnológico, educativo, científico ou cultural.

Um estudo superficial das estruturas religiosas demonstraria dependência das igrejas das colônias nas áreas litúrgica, educativa, administrativa e teológica.

Durante os últimos sessenta anos, a América vem se esforçando, de forma violenta, para sair de um mundo feudal e entrar naquilo que se denomina de sociedade industrializada. Esta mudança rápida, violenta e explosiva, iniciando-se nas décadas de 30 e 40, deu origem às grandes metrópoles que, muitas vezes sem coerência arquitetônica, social e cultural, se "esparramaram" por milhares de quilômetros quadrados: quilômetros de miséria, desabrigo e alienação. Metrópoles que, na próxima década (como a cidade do México), serão focos explosivos de degeneração social. Na cidade do México, que tem 17 milhões de habitantes, 40% da população não recebe água potável, drenagem saudável e moradias bem construídas; comete-se um homicídio a cada 45 minutos, e para lá migram do campo 1.450 pessoas por dia. Não será esse um país que vive sem esperança de sobrevivência?

Com o surgimento destes monstros em nosso continente, surgem com eles as grandes migrações internas, como também continentais. Buscam-se os mitos de uma sociedade industrializada, os bens de uma sociedade de consumo e a segurança social de um país estável! Neste processo, vai se espoliando a riqueza humana que cada estado e cada província precisa para

seu bem estar; vai se espoliando o desenvolvimento interno e o cumprimento do mandato cultural.

A história do nosso continente oscila entre as agendas da história dos grandes impérios, que as têm imposto sobre nós. Imposições ideológicas, culturais e tecnológicas, que paralizam a criatividade interna de cada país e de cada grupo social. O espaço sócio-econômico é tão reduzido, que é impossível romper o aprisionamento em que nos encontramos. Quando Reagan espirra, nós sofremos de pneumonia! Até o momento, todos os esforços para encontrar um "terceiro caminho" tem sido infrutíferos, como demonstra "Cancun, 1981".

Frente a estas realidades complexas que tendem a paralizar e destruir o ser humano, nota-se a busca de mecanismos psico-sociais para manejar as realidades ao derredor. Um deles é o fenômeno que se denomina de religiosidade popular. Religiosidade que busca dar, ao membro do culto em particular, mecanismos mágicos pelos quais possa sobreviver ao determinismo social que o controla. Religiosidade que busca o rompimento com o destino que lhe sobreveio e alcançar a fonte de poder de onde emana este destino. Procura usar a sorte para ver se, por acaso, consegue alcançar um nível econômico de vida mais alto. E, em muitos casos, esforça-se por se proteger contra essa força opressora que lhe traz "má sorte" nas circunstâncias concretas da vida, como a doença, perda de emprego, perda de dinheiro, etc. Em muitos casos, estas expressões populares são explicações das dinâmicas da realidade, relacionadas com a vida, a existência e o futuro do homem.

De forma paralela, existe outro imperialismo da parte do branco e do moreno sobre o indígena. Imperialismo que insiste em que o indígena seja absorvido pela classe dos mestiços ou dos imigrantes, sendo, com isso, sua

---

cultura complexa, rica e nobre destruída, freada e arquivada. *Destruída*, porque as terras que eles, durante séculos, habitaram, tornaram-se propriedade "privada" dos grandes latifundiários. *Freada* porque, para que o indígena se sobreponha, terá que adotar os idiomas do mestiço, seus movimentos sociais e lutas de poder, assim como seus processos jurídicos. *Arquivada*, para motivo de curiosidade dos turistas nos grandes museus, em exposições desumanizantes. Entretanto, silenciosamente, a população indígena está em marcha, buscando os caminhos para recuperar sua identidade, seu lugar e participação na história humana.

A agenda teológica imediata é a seguinte:

1. Desenvolver uma abordagem hermenêutica e uma postura teológica neste século

Deve ser enfatizado que o "labor teológico" é tarefa e vocação missionária, que foi dado à igreja em seu chamado a cumprir a missão de Deus no mundo. É um chamado de obediência à igreja em geral e ao teólogo ou mestre em particular. Em sua essência, é tarefa hermenêutica, pela qual se discerne e se busca quem é Deus e o que Ele pede de seu povo no mundo contemporâneo.

Esta tarefa hermenêutica é imprescindível para a igreja, pois identifica o lugar da linha de batalha, o que evita que se envolva em batalhas já passadas e lutas de pouca importância. Para a evangelização eficiente, a igreja precisa identificar seus inimigos, sua força, seus ataques e os êxitos que tais inimigos tiveram no passado, para sair para a batalha e não cair em seus porões, seus edifícios, seus quartéis e trincheiras. No problema missiológico, a tarefa é que se descubra a linha autêntica na qual Deus quer nos envolver.

O que faz com que esta tarefa seja de grande desafio e disciplina é que a abordagem her-

menêutica precisa de duas tarefas exegéticas: uma que ajude a explicar, identificar e apontar os elos históricos do contexto em que a igreja se encontra enraizada; a outra é descobrir o significado da mensagem de Deus, dentro de um contexto social de dois mil anos atrás, descrito no texto bíblico. Ambas são tarefas difíceis! A primeira requer habilidades no uso das ferramentas sociológicas e psicológicas, enquanto que a segunda exige habilidades literárias, gramaticais, linguísticas e históricas.

Deve-se afirmar, contudo, que tanto o exegeta como o teólogo são guiados pela iluminação do Espírito, aquele que originalmente "inspirou" o texto bíblico. Existe uma tarefa humana, como também uma verdadeira inserção divina no processo da tarefa missiológica da hermenêutica.

Esta abordagem hermenêutica não procede da teoria para a prática, como demonstra a atitude platônica, mas, ao responder em obediência, a igreja em sua missão vive sua inserção como uma aproximação de obediência ao chamado de Deus. A igreja, bem como seus teólogos, volta-se sempre de novo à Palavra para reler, refletir e retomar uma postura de obediência ao chamado do Espírito. É na prática da obediência que o teólogo vai descobrindo, com certa clareza, o caminho hermenêutico para o qual a igreja é chamada. É na dor do caminhar que ele comprova qual é a boa, perfeita e agradável vontade de Deus, à medida que sua mente é renovada e sua pessoa é transformada.

O teólogo reconhece em sua humildade que tudo o que ele, ou ela, dizem deve ser questionado pela comunidade e pela Palavra, pois estão conscientes de seu próprio "condicionamento" cultural e ideológico. Reconhece que é filho de sua história e fruto de sua cultura; que precisa questionar sua própria cos-

movisão, seus valores e instituições sociais a partir de seu contexto histórico. Esta postura de "suspeita" permite a ele e à sua comunidade retornarem, vez após vez, à fonte da Palavra para renovar o chamado, a visão e a mensagem.

## 2. Deus, Seu reino e a história

Existem duas áreas de preocupação teológica:

*Primeiro:* a igreja evangélica na América Latina, em seu desejo de crescer e desenvolver-se à luz da "igreja primitiva", tende a deixar de lado suas raízes históricas, não desenvolvendo uma consciência adequada da continuidade da igreja através da história e de sua rica herança, a qual ela tem na "sabedoria comunitária" que vem adquirindo através dos tempos.

Em parte, esta falta de consciência histórica se deve ao movimento missionário do norte, que não tem ajudado a desenvolver na igreja evangélica da América Latina uma apreciação pela reforma espanhola, uma compreensão da contra-reforma e do impacto do Concílio de Trento sobre este continente, e a dinâmica existencial da cultura latino-americana. A igreja chegou a tornar-se um filho "pseudo-saxão", seja em sua liturgia, programas educativos, estruturas, lideranças, etc.

O problema se torna mais grave quando se observa o fato de que o movimento missionário traz do norte uma religiosidade privatizada, baseada no divórcio entre a criação e suas exigências universais, e na redenção como um resultado privativo da obra do crente frente a Deus. O Senhor deixa de ser o Senhor da história e de todas as coisas. O crente somente descobre Deus dentro do acontecimento da igreja e de sua vida privada, esquecendo-o em sua vida social. O evangélico, por conseguinte, tende a ser a-histórico e apolítico.

*Segundo:* mesmo que afirmemos que Deus é ativo, existe uma tendência ingênua de crer que O temos preso em nossa estrutura particular, em nossa denominação, ou ainda em nossa igreja local! A pergunta-chave que precisamos formular, hoje em dia, na tarefa missionária, é: onde está Deus atuando? Como podemos reconhecer as evidências de Sua inserção e atividade? Devemos limitar a ação de Deus somente no "engordar" as igrejas e seus edifícios? Ou estará Deus atuando também nos movimentos de libertação, permitindo que o oprimido descubra sua liberdade, e os povos debaixo da opressão, seu "êxodo"?

Para articular isto melhor na linguagem do Reino:

- \* Onde podemos ver o reinado do Senhor em nossos contextos?
- \* Quais são as evidências e as marcas de Seu reino fora da influência direta das estruturas eclesiásticas?
- \* Pode Deus atuar através dos elos da história ou será Ele somente um espectador que se senta ao lado da "cancha", rindo-se das brincadeiras idiotas que a humanidade faz?
- \* De que maneira satanãs e seu reino influenciam o desenvolvimento de um anti-reino?
- \* Quais são as marcas e evidências deste anti-reino?

### 3. O pobre, um fato sociológico ou uma chave hermenêutica

Entre os fatos aterradores de nossa época encontramos a existência de uma onda de pobreza em nosso continente. Além disso, há uma humanidade oprimida - homens, mulheres e crianças - sob as pressões sociais da industrialização acelerada, do crescimento descontrolado da cidade, da corrupção do governo. Na burocracia estatal e dentro do poder judiciário,

que é usado inescrupulosamente, se dá a corrupção também no uso e abuso da posse de terras férteis e num mercado livre aberto apenas para aquelas pessoas que têm poder e recursos adequados. Esta humanidade vive com poucas condições de vida, seja quanto a saúde, educação, casa, água ou alimentação adequada.

As teologias da libertação tendem a usar este fato aterrador como uma chave hermenêutica para a interpretação da Palavra. Afirmam que Deus optou pelo pobre; que salvação, em sua essência, é libertação para desfrutar as opções da vida; que esta libertação é um sinal do Reino porque expressa a solidariedade de Deus para com os oprimidos, e que a liberdade que vem desta libertação significa verdadeira solidariedade para com os pobres. Torna-se um estilo normativo para a igreja o fato de ela ser igreja dos pobres e para os pobres. Estes pobres, como membros do reino, libertar-se-ão num verdadeiro ato de amor, como também libertar aos opressores. O êxodo é uma experiência legítima para todo o povo no momento histórico em que Deus atua a favor de sua libertação. A verdadeira espiritualidade, por conseguinte, é tornar-se pobre com o pobre, em solidariedade com suas realidades de opressão, com a finalidade de trabalharem juntos para uma libertação integral.

Por outro lado, o movimento conservador (o evangelicalismo) da igreja protestante envolveu-se em um assistencialismo como expressão de caridade, sem chegar a articular uma teologia clara face a esse fato brutal! De sua parte, alguns evangélicos têm justificado a ausência de uma resposta autêntica e coerente de sua parte, insistindo em que a tarefa primordial do "evangelismo pessoal" lhes dá a justificativa para isso. Este apego ao evangelismo pessoal está justificando a "privatização" do evangelho e a ausência do mesmo face aos problemas de nossa época. Isto eviden-

cia uma falta de reflexão teológica frente a um Deus soberano sobre sua criação e sobre a totalidade dos seres criados, assim como também frente ao senhorio de Jesus Cristo em seu reinado dentro das realidades de nossa história, etc. Em muitos casos, este escapismo da realidade em que vivemos na nossa história latino-americanase deve a uma fácil alusão ao fato de que a sociedade é o território satânico, enquanto que a igreja é o de Deus. Isto é um dualismo absurdo e anti-bíblico!

Permanecemos, contudo, com várias interrogações:

\* Qual é o chamado da igreja frente aos oprimidos, às viúvas, aos órfãos e aos pobres?

\* É certo que a providência e a justiça de Deus se estendam para além da igreja, abrangendo o mundo, dessa maneira exigindo da igreja um ministério profético dentro da sociedade?

\* Como atua a igreja frente a todo tipo de violência, legal ou ilegal, que a rodeia em todas as partes de sua vida?

\* Pode ela estar envolvida em movimentos revolucionários, como aconteceu no movimento sandinista?

\* Deve a igreja sofrer e lutar só por sua liberdade religiosa, ou também pela liberdade dos que sofrem, como uma verdadeira expressão da misericórdia e justiça de Deus?

#### 4. O pecado ... um conceito antiquado

Um dos conceitos teológicos que, com espantosa frequência, se está deixando de usar é o do pecado. Na América Latina, à medida em que o determinismo é aceito (seja do mercado, da estrutura psíquica, da cultura, etc.), este conceito de responsabilidade pessoal (de liberdade e plena resposta do homem a seu Deus em todas as esferas da vida) está sendo perdido.

Dentro de certas teorias, o conceito de pecado pessoal tem sido esquecido gradualmente e foi substituído pelo conceito de pecado social e estrutural. A humanidade está circunscrita em uma luta de classes: o ser humano se debate ou do lado do opressor, ou do oprimido. É pecador porque peca contra aquele que sofre a infâmia da injustiça, ou porque recebe a consequência daquele que peca contra ele. Assim, os pecados pessoais, como avareza e inveja, desaparecerão na medida em que a luta social se resolver. O centro deste debate se encontra na substituição de uma análise do problema da humanidade por outra.

A Bíblia vê a essência do problema do homem na sua rebeldia contra Deus, não só no plano pessoal mas também no plano social que, em última análise, é o problema da idolatria. A outra análise, que conflita com esta, vê a essência do problema dentro de um plano humano e horizontal, na confrontação de um grupo social com outro.

O problema se agrava ainda mais entre os evangélicos na América Latina. Para estes, o pecado é visto dentro de uma série de restrições legalistas. O evangélico é cristão porque em sua vida privada não fuma, não bebe e não frequenta certos lugares. A ênfase na santidade da vida integral se reduz a uma separação física de certas pessoas, lugares e hábitos. Existe pouca compreensão acerca do papel que deve ocupar a lei na vida do crente, ou a dinâmica do Espírito no desenvolvimento do fruto, como também a compreensão de uma vida integral e abundante em Cristo Jesus. Na verdade, com o trabalho de aconselhamento pastoral, frequentemente se descobre que o pecado torna-se realmente pecado quando o pecador está em perigo de ser descoberto e, assim, perder o seu "bom nome".

Por sua natureza, este conceito de pecado é privatizado porque não existe, em círcu-

los conservadores, consciência do que são ou devem ser a inserção social e as exigências de uma ética social. Isto implica em que o movimento evangélico não está em condições de assumir seu chamado para a inserção nas diversas realidades sociais de nosso continente. Ainda em muitos círculos confunde-se a insistência e o apoio aos direitos humanos como intromissão da "esquerda".

#### 5. A libertação ... salvação de quê e para quê?

Mesmo que a redenção e a salvação sejam dois conceitos soteriológicos chaves na exposição do evangelho em nosso continente, em círculos evangélicos e durante a última geração, o conceito de "libertação" está ocupando um lugar de muita importância em nossos dias. Costuma-se enfatizar a libertação "de" mais do que a libertação "para". O êxodo, em contraste com a entrada do povo de Israel na terra prometida, é a analogia bíblica enfatizada.

Esta salvação é articulada dentro de um contexto católico-romano, onde o conceito de pecado e a habilidade humana de salvar-se articulam-se dentro de uma visão pelagiana. São os pobres (os oprimidos) que se libertam por sua própria iniciativa e capacidade. Torna-se, assim, um ato político para assegurar uma utopia política. Além disso, esta visão do "libertado" constrói-se sobre sonhos e esperanças legítimas daquelas pessoas que desejam alcançar uma vida melhor: a liberdade para desfrutar o que os "livres" já têm alcançado. Não são somente os libertacionistas que argumentam seu "evangelho" a partir destas raízes. Pelo contrário, é isso que fazem quase todos os "evangelhos" contemporâneos, desde a religiosidade popular até as teologias do desenvolvimento e da felicidade em círculos conservadores.

Uma versão mais secular da "libertação" é o evangelho do "progresso", da "modernida-

de" e do "desenvolvimento", onde se espera que as pessoas em condições infra-humanas possam alcançar, com o tempo, um nível mais alto de vida, como também melhor poder aquisitivo. Este evangelho, unido ao evangelho do "consumismo", produziu mitos, mensagens e visões que exercem uma influência poderosa em nosso continente, que enganam as pessoas em seu desejo de chegar às cidades com ruas pavimentadas de ouro, às redes e embalos do prazer, às festas do deleite social. Este desejo os leva do mundo rural para o urbano, dos níveis baixos para os mais hierárquicos, das condições de poucos recursos aos postos de maior poder aquisitivo. O poder, o status e a hierarquia estão entrelaçados com um conceito sexual da vida, utopia, numa ilusão de turismo e ócio.

Este evangelho secular do "desenvolvimento" tem atraído muitos evangélicos, na América Latina, a projetos de desenvolvimento, os quais não refletem um quadro teológico ou um questionamento bíblico. Tal evangelho está baseado na compaixão pelos necessitados e envolvido com um pragmatismo do êxito! Presume-se que, onde quer que exista necessidade "sentida" ou "real", os cristãos tem que dar uma resposta com os recursos de que disponham. A solução deve ser eficaz. Em alguns casos, existe um grande desejo de apresentar a obra salvífica de Jesus Cristo como apêndice a seus esforços de "desenvolvimento".

Ambas as teologias, a da libertação e a do desenvolvimento, despertam e levantam uma série de perguntas: podemos responder ao mandato cultural de Gn 2 fora das exigências e da esfera do reino de Deus? Qual é a sua relação? Podemos começar a tratar das necessidades das pessoas em situação de pobreza e opressão antes de tê-las chamado ao arrependimento, a renunciar ao espírito opressor que vive nelas? Pode haver uma verdadeira libertação fora do âmbito do reino de Deus?

---

6. A nova humanidade em Cristo Jesus ...  
"o novo homem" ... a nova humanidade

Quais são as concepções de "homem" existentes na América Latina? A visão *mais antiga*, e que lentamente está desaparecendo, é a do mundo rural e indígena. A visão do homem e mulher, com família de muitos filhos e netos, vivendo juntos na terra herdada de seus antepassados, com seus animais, comida e água abundante. É um grupo bem unido e trabalhador. Sentem alegria e prazer em reunir-se para uma boa festa de vários dias, com muita comida, música, conversa e humor. Comer bem com os parentes e amigos do povo é uma visão integral de muitos indígenas, como por exemplo os "tobas", no norte da Argentina.

A *segunda* é a do homem "moderno" e "industrializado". O homem auto-suficiente, que alcançou, através de um processo "educacional", os mais altos degraus da autonomia social, segurança, riqueza, poder e status em seu círculo social. Pertence a clubes de prestígio e círculos de influência. Ele não rompe com seu núcleo familiar, pelo contrário, juntamente com a família é que alcança estes níveis de êxito social. Naturalmente, ele paga um preço exorbitante para alcançar este status social, porque agora sua esposa precisa trabalhar da mesma forma que ele e, além disso, em muitos casos, precisa manter vários trabalhos e "biscates" onde puder. Desenvolve uma rede de relações de "influências", com a qual está constantemente "endividado" por causa de "favores" recebidos para garantir o próximo degrau da escada do "êxito" social. Através de todo esse processo, vai se desfazendo de vários costumes e valores para absorver aqueles dos degraus mais altos. Em muitos casos é a aquisição de certo tipo de automóvel, certa casa em determinado bairro, certo clube, música, banco, etc. Até seu próprio nome é modificado para vincular-se com certa linhagem.

---

A terceira nasce em um contexto socialista, onde se presume que homem e mulher vivam uma vida de solidariedade, igualdade de oportunidades nos campos educacional, de trabalho, de profissão, etc., e onde a luta de classes desapareceu e o governo do povo, pela mediação do partido, garante estas oportunidades. O êxito não se mede a nível de status, nem de lazer ou de prestígio, mas sim de solidariedade com as necessidades do homem e da mulher trabalhadores. Esta terceira visão só está implantada, até o momento, em Cuba, embora os meios de difusão tenham-na divulgado por todo o continente.

Nos círculos evangélicos, a visão do "novo homem" é a do cristão que é "nascido de novo" em Cristo Jesus. Através da pregação do evangelho, dando ênfase à conversão, regeneração e santificação, produz-se uma mudança na vida do crente. Esta mudança se dá a nível eclesiástico e pessoal e implica numa participação na vida e atividades da igreja local, numa negação de hábitos e costumes como fumar, beber bebidas alcoólicas, etc., numa vida devocional por meio da leitura bíblica diária. Em muitos casos, o progresso na vida cristã mede-se pelo envolvimento na hierarquia de atividades que a igreja institucional exige dentro do mundo de seu tempo.

Esta mudança evangélica, em muitos casos, é uma mudança eclesiástica, em essência. Seus valores, adquiridos de uma sociedade em contexto católico-romano, somente são modificados em relação ao seu envolvimento num novo contexto social protestante. Seus valores sexuais, de trabalho, de lazer, de hierarquia social, etc., continuam inalterados. O evangelho torna-se a mensagem de Deus para seus momentos de crise, depressão, solidão, desorientação e felicidade interna. Em poucos lugares, nos círculos evangélicos, tem se implantado uma visão integral do novo homem em Cristo, na qual se viva

---

o senhorio de Cristo na riqueza desta nova visão.

### 7. Cristo Jesus ... "Quem dizem que eu sou?"

Existem várias imagens de Cristo Jesus. As duas mais antigas são de um bebê, impotente nas mãos fortes e vigorosas de Maria, a virgem e a pura. A segunda é a de um Jesus que sofre as torturas da cruz, em agonia, enquanto a bem-aventurada Maria está de pé, com amor e valentia, junto a seus pés. Em ambas as imagens Maria, a bem-aventurada, símbolo de pureza, se nos apresenta como a imagem a que o adorador pode dirigir-se para encontrar consolo. Nos últimos anos, Jesus foi apresentado como guerrilheiro armado, que, de pé, se identifica em solidariedade com os que sofrem, com os oprimidos e que buscam sua libertação. Em muitas apresentações, Che Guevara, Sandino e outros parecem ter a mesma importância que Jesus Cristo.

As duas primeiras imagens estão enquadradas dentro do conceito mágico e sacramental de Jesus, através do qual se pode, por meio da intercessão da virgem Maria, a puríssima, resolver problemas, alguma rixa, encontrar trabalho, curar um enfermo, acertar-se com um vizinho "chato", ter êxito nos exames, etc. Suas exigências ou pagamentos por "serviços prestados" são "oferendas" em dinheiro, prata, ouro, adoração litúrgica ou, ainda, peregrinação.

A última imagem é desenvolvida num contexto revolucionário, onde a violência física é aceita como instrumento de libertação. A ética pessoal está subordinada à social, e a liderança do grupo sobrepõe-se à consciência pessoal. Em sua essência, a imagem de Jesus Cristo como guerrilheiro é de inspiração e motivação.

Nas imagens antigas, a imagem de Jesus produz fatalismo, inatividade, pacifismo. Na última, ressalta-se a atividade, o compromisso, a solidariedade e a inserção histórica. O interessante é que jamais se apresentou Jesus nas

linhas de batalha com uma arma na mão e um morto a seus pés. Todavia, é o Jesus místico da guerrilha.

Nos círculos evangélicos, a imagem que predomina é a do Jesus amigo. Na agonizante solidão da cidade, frente à insegurança devida aos numerosos homicídios, num mundo alienado e desorientado, Jesus é aquele que anda ao lado, que fala e compartilha estas experiências da vida diária. Nos numerosos testemunhos dados nas nossas igrejas, é este Jesus que aparece vez após vez.

Esta imagem, unida à de um Jesus como bondoso curador nos círculos pentecostais, que também perdoa e dá um seguro de vida tanto para esta, como para a vida do futuro, essas duas imagens, repito, compõem a imagem evangélica de Jesus. Frequentemente, a imagem de Jesus chega a ser confusa. Por exemplo, quando o evangelho do "progresso" mostra um Jesus em traje de "executivo", dirigindo um automóvel do último modelo. Confunde-se aí a utopia do céu "além" com a do céu aqui e agora.

Todo o latino-americano crê em Jesus Cristo! A pergunta que deveríamos fazer é: qual Jesus Cristo? Todos afirmam sua divindade, sua vida além. Alguns enfatizam sua humanidade com o bebê, outros, seu papel didático, mas poucos percebem o papel que ocupou na encarnação, na cruz e na ressurreição. Também poucos enfatizam seu papel como Senhor da história e Senhor de todas as coisas, reinando já em seu reino, hoje!

#### 8. A natureza da igreja

Uma das tarefas singulares do teólogo, nesta década, é a de ajudar as igrejas em nosso continente a descobrirem sua identidade diante da multiplicidade de denominações e agrupamentos eclesiásticos. Por exemplo, existem mais de 500 denominações pentecostais no Chile, 300

denominações diferentes da igreja batista na América Latina, sem mencionar os diferentes agrupamentos reformados, presbiterianos, luteranos, etc.

A maioria não tem consciência de suas raízes históricas, nem da base teológica em que foram fundadas e que deu origem à sua estrutura eclesiástica, como se apresenta no dia de hoje. Muitos estão conscientes de sua liturgia, ordem estrutural, atividades e autoridades, mas são membros unicamente pelo fato de terem se tornado cristãos nessa comunidade.

A sombra da Igreja Católica Romana pesa fortemente sobre a igreja evangélica em várias áreas de sua vida religiosa. Por exemplo, o papel do bispo (o cacique evangélico), do templo, do culto dominical no templo e do culto como base da religiosidade pessoal. Muito frequentemente, a influência mágica e sacramental que se encontra nas esferas católico-romanas passa a ser vivida dentro dos círculos evangélicos, sem que estes percebam o fato. Quando o movimento evangélico iniciou na América Latina, houve um esforço para construir templos mais simples e pequenos, multiplicando o papel da congregação ligada com os grupos populares. Ultimamente, percebe-se que o protestantismo "apaixonou-se" pelos seus edifícios e pelo desejo de construir grandes catedrais, deixando de lado sua herança de grupos dinâmicos e pequenos.

Apesar disso, estão surgindo movimentos de renovação na América Latina, mas são limitados em sua influência e alcance. Contudo, devem ser estudadas e promovidas as mudanças que estão ocorrendo em seus círculos, nas áreas da liturgia, estrutura da igreja, estilo de liderança e uma abertura mais sensível para a obra do Espírito Santo.

No entanto, persiste o desafio de mostrar à igreja evangélica suas raízes universais e

verdadeiramente ecumênicas. Ela deve conscienciar-se de que *faz parte* do grande movimento histórico do povo de Deus, que está no caminho da história humana como peregrina em busca de uma cidade que não é deste mundo. Deve redescobrir o que significa viver em *comunidade*, família e corpo (no sentido eclesial e dinâmico) em meio a uma sociedade alienada, desumanizada e de consumo. Por enquanto, é uma *comunidade missionária*, que expressa e vive a riqueza do que é o reino do Senhor dentro de um contexto de anti-reino demoníaco. É uma missão que impulsiona todo o crente a viver sua missão como vocação e chamado do Senhor ao serviço e ao testemunho. É testemunho que nasce de um estilo de vida libertada, integral e plena, num contexto onde o cristão vive para a glória de Deus. E, quanto ao *seu culto*, nascerá de um respirar da beleza e da glória de Deus, encarnado em seu contexto, como prazer de um Deus que é soberano e também amigo, que caminha ao seu lado.

#### 9. A igreja e o estado

Uma das estruturas sociais que se deve questionar a partir de uma perspectiva teológica é o estado. O que é que justifica a sua existência? Quais são os sinais essenciais de um estado/nação a partir de uma perspectiva bíblica? Quando podemos falar que um estado/nação está deixando de ser aquilo para o que foi criado? Como opera o poder no estado? Quais são os parâmetros de um estado/nação justo? Pode-se falar de um estado/nação sujeito a Deus, a Seu reino, soberano sobre Sua criação? Que papel assume o estado frente ao reino de Deus?

Se aceitarmos a teologia reformada dos decretos de Deus como base de nossa reflexão, que relação tem o estado com as outras estruturas sociais, que são o matrimônio, a família e o trabalho? Pode o estado/nação ter um poder tão extenso que chegue a legislar sobre

todas as facetas da vida, ou deve ser restringido a certas áreas da vida social, para o bem-estar da sociedade?

Que papel assume a igreja face ao estado? Ambas são instituições políticas, ambas se relacionam com a mesma sociedade, ambas usam o poder, ambas têm estruturas sociais, ambas possuem riquezas, ambas apelam em suas mensagens ao mesmo grupo humano. Qual deve ser sua relação? Pode uma estar sujeita à outra? Possui cada uma o seu âmbito e, por conseguinte, sua autonomia?

Existem experiências distintas, por parte da Igreja Católica, face ao estado na América Latina. Em algumas, a igreja se acomodou para ser a igreja do estado, enquanto que em outras manteve-se a uma distância saudável, que lhe permitiu viver sua autoridade, sua identidade e sua missão. As igrejas evangélicas, entretanto, não têm tais experiências e ainda buscam seu momento de inserção face ao estado. Em muitos países, o único papel que a igreja tem exercido frente ao estado é lutar por sua liberdade religiosa e o espaço para celebrar seu culto. Em poucos a igreja tem se estabelecido como entidade social, que ocupa seu devido lugar como instrumento de Deus na história do povo.

Na tarefa teológica, devem ocupar-nos as ideologias contemporâneas do estado. Em primeiro lugar, existe uma minoria com o poder que, por razões próprias, assume a autoridade do estado, o governo. Com frequência, esta minoria representa os interesses dos mais poderosos e, em especial, do poder militar. Eles controlam o estado à sua vontade, com critérios que correspondem ao seus interesses, exigindo da maioria uma sujeição desumanizante. Por conseguinte, conscientes do que deve ser nossa teologia do estado, existem perguntas como estas:

---

19 Quando é que um golpe de estado torna-se o governo legítimo de um estado? Este governo expressa a vontade de Deus para este estado? Quando e em que áreas a igreja deve envolver-se em desobediência civil, especialmente quando o governo, de fato, representa uma minoria?

20 Tem se promulgado uma ideologia do estado, a "defesa nacional", que representa uma aproximação a uma idolatria do estado pelo estado. Esta ideologia se expressa, muitas vezes, em linguagem religiosa, dentro de um contexto capitalista, que reflete uma idolatria do estado como entidade social acima da lei, da moral, da razão e da justiça, que não tem contas a prestar diante de ninguém, a não ser de si mesmo.

10. O povo global ... a interdependência dos seis continentes. Cancun

É interessante observar que as recentes reuniões, em Cancun, dos países "industrializados" e "desenvolvidos" com os países "em vias de desenvolvimento" (subdesenvolvidos) aconteceram numa cidade muito nova, de apenas alguns anos. Antes, era uma praia, à margem de uma densa floresta selvagem.

Por muito tempo, o terceiro mundo vem tentando convencer o primeiro de que sua economia, seu desenvolvimento tecnológico, seu desenvolvimento educativo e seu "progresso" dependem diretamente da economia, estilo de vida, poder e avanço tecnológico do primeiro mundo. Existe um dever moral que exige que o primeiro mundo seja responsável em ajudar seus vizinhos em seus esforços de "progredir" e, assim, frear a corrida do pobre que se torna cada vez mais pobre, e do rico que se torna cada vez mais rico.

Durante os últimos anos, o movimento missionário percorreu os mesmos caminhos dos ho-

mens de negócio, dos exércitos e dos centros de poder estabelecidos pelos grandes imperios ocidentais. Muito freqüentemente, o evangelho tem sido apresentado em roupagem ocidental, com uma dependência estruturada e com fontes de poder embasadas nos países que "enviam os missionários". Muitas das igrejas do terceiro mundo têm se estruturado da mesma forma que as igrejas-mãe. Seus hinários, sua liturgia, seus programas de educação cristã e teológica, seus edifícios, etc., todos têm a etiqueta: "made in USA".

Na mesma medida em que a Igreja Católica foi estabelecida na América Latina pelo poder da espada, a igreja evangélica, em muitos casos, tem se estabelecido pelo poder do "dólar". Bem freqüentemente, os movimentos missionários para-eclésiásticos aparecem como estrutura "transnacional", e não como a dos 70 discípulos que o Senhor enviou a discipular.

Todas estas realidades nos confrontam com uma série de interrogações bíblicas:

19) Se a igreja gentílica encontrou sua liberdade em relação ao domínio da igreja judaica em Atos 15, com a finalidade de que o Espírito Santo pudesse dirigir a igreja como Ele quisesse, quando encontrará a igreja do terceiro mundo o seu "Atos 15"? Não deve a igreja, em cada geração e em cada contexto, redescobrir sua autoridade como uma autoridade delegada diretamente por Jesus Cristo, para esta tarefa missionária, neste contexto e neste momento histórico?

20) Quando se alcançará um verdadeiro sentimento de companheirismo, igualdade e responsabilidade entre as igrejas, a nível dos seis continentes, para que juntos possamos escutar a voz de Deus para a missão da igreja em nosso mundo? A igreja do primeiro mundo se outorga o direito de ser aquele que julga e censu-

---

ra os "nativos" do terceiro mundo, acusando-os e exortando-os por causa de muitos erros (como sincretismo, nacionalismo, etc.). Quando poderá a igreja do primeiro mundo escutar as exortações que precisa receber de seus irmãos do terceiro mundo, sobre sua falta de missão em seu continente, suas acomodações, suas sociedades de consumo e seus sincretismos?

39) Na medida em que exista uma consciência global de nosso mundo, a igreja também irá tomando consciência de sua identidade global. Por conseguinte, a tensão entre local e global torna-se uma dimensão missionária que nos mostra com mais clareza o chamado missionário, "de Jerusalém, Samaria e até aos confins da terra"! Poderá a igreja romper suas barreiras tribais para obedecer? Poderá a igreja sobreviver, se continuar acompanhando o crescimento das estruturas para-eclésiásticas a nível internacional?

DECLARAÇÃO DE JARABACOA  
OS CRISTÃOS E A AÇÃO POLÍTICA

Sob a direção de Deus e convocado pela FTL, um grupo de evangélicos, entre os quais teólogos e políticos da América Latina, nos reunimos em Jarabacoa, República Dominicana, nos dias 24 a 28 de maio de 1983, para refletirmos sobre o tema "A Teologia e a Prática do Poder". Desfrutamos do companheirismo cristão e das bênçãos resultantes do intercâmbio de experiências diversas.

Reconhecemos nossas limitações passadas e presentes, ao relacionarmos nossa fé cristã com uma ação política concreta.

Reconhecemos e lamentamos a generalizada apatia e indiferença do povo evangélico latino-americano, no que tange às realidades sociais e políticas de nossos países. Temos consciência de que diversas razões têm influído para esta apatia e indiferença. Não há dúvida de que observamos um recente interesse nestes assuntos como uma evidente ação do Espírito Santo, através do qual tal interesse deve ser aprofundado e alentado.

O diálogo criativo e a séria reflexão desenvolvidos em nosso encontro nos chamaram, uma vez mais, à responsabilidade no campo político, não apesar da nossa fé, mas sim por causa desta.

Reafirmamos nossa firme convicção de fé nas Sagradas Escrituras e, dentro da tradição da Reforma, proclamamos o senhorio de Cristo sobre o indivíduo e sobre a sua igreja. Com a mesma força confessamos que Ele é o Senhor de toda a realidade criada. Consideramos que o poder redentor e renovador de Cristo afeta, não somente o indivíduo, como também a esfera social, econômica, cultural e política nas quais este se desenvolve.

Creemos que o campo político, apesar da sua importância, é onde menos temos levado as respostas que Deus oferece na sua Palavra. Com o Pacto de Lausanne, proclamamos que "a salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta".

Como discípulos de Cristo, sentimos que seu mandato de "ir por todo o mundo e fazer discípulos" envolve, muito mais que a proclamação e como parte desta, o cumprimento de uma missão de encarnação e serviço. Nosso lugar é o mundo, onde devemos atuar como sal e luz.

Estamos conscientes de que, para levar a-vante esta tarefa, precisamos contar com a constante presença do Senhor, que vive e é vitorioso. Com a força de seu Espírito obteremos sabedoria e recursos para agir conforme a sua vontade, neste nosso tempo.

Como fruto destas reflexões, e com espírito de humildade e amor cristão, atrevemo-nos a apresentar ao povo evangélico latino-americano esta Declaração.

## I. PRINCÍPIOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS

### 1. A Criação

#### 1.1 Deus é o criador e sustentador de to-

das as coisas, como também o Senhor de sua criação e da história.

- 1.2 Deus criou o ser humano como o ápice de toda a sua obra e dotou-o de uma dignidade que transcende qualquer fator circunstancial.
- 1.3 O ser humano foi criado para viver em comunidade e só atinge o seu pleno desenvolvimento numa relação de amor com os demais (família, igreja, povo, etc).
- 1.4 O ser humano foi criado por Deus com a capacidade de realizar um trabalho criativo, achando neste uma fonte de prazer, realização pessoal e satisfação de suas necessidades básicas.
- 1.5 O ser humano foi criado como mordomo da terra, com a responsabilidade de cultivá-la e de utilizar seus recursos para a glória de Deus e para seu próprio bem.
- 1.6 A ordem política foi prevista por Deus como uma forma de ordenar a vida em sociedade, de tal maneira que cada membro desta se realize plenamente em relação com Deus, com a criação, com seus semelhantes e consigo mesmo.

## 2. O pecado

- 2.1 O ser humano, como ser livre, optou por romper o pacto original com Deus, provindo daí a sua alienação básica em relação ao seu Criador, à ordem natural, a seus semelhantes e a si mesmo.
- 2.2 Ao desprezar a Deus, o ser humano perdeu a glória de sua dignidade.
- 2.3 Deslocando a Deus do centro de sua existência, o ser humano fez-se néscio, envaideceu-se em seus próprios raciocínios e se entregou a sistemas e estruturas que oferecem uma falsa segurança. Seu pecado adquiriu, assim, uma dimensão social.

- 
- 2.4 A autoridade política foi ordenada por Deus como um meio de preservar a vida em sociedade, mitigando os efeitos do egoísmo e colocando limites à violência social.

### 3. A redenção

- 3.1 Jesus Cristo, Deus encarnado, se nos oferece como redentor e como paradigma perfeito para todos os homens e mulheres, a fim de que *neles* se forme a Nova Humanidade.
- 3.2 A igreja é o corpo de Cristo, através do qual Deus penetra no mundo com sua mensagem de conversão e santificação pelo Espírito Santo.
- 3.3 A principal tarefa da igreja é capacitar os crentes a serem homens novos, que reflitam o caráter de Cristo e manifestem o Reino de Deus.
- 3.4 A igreja não é chamada a elaborar propostas políticas específicas, nem a identificar-se com nenhum sistema de organização social, nem a formar partidos políticos.
- 3.5 A igreja é chamada, isto sim, a solidarizar-se com as lutas humanas que visam superar a opressão, a miséria, a ignorância, etc. Por isso, a igreja tem um papel profético que a leva a denunciar os sistemas injustos e a colaborar na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.
- 3.6 O Estado tem relação com o propósito de redenção de Deus, pois é sua tarefa criar um ambiente de tranquilidade e paz que possibilite a proclamação do evangelho em palavra e ação.

---

#### 4. Perspectiva escatológica

- 4.1 Toda a missão da igreja deve ser feita com uma oração ao Senhor: "Venha teu reino". Com isto a igreja expressa o interino, o inacabado de sua missão, pois espera que o Senhor, na sua vinda, purifique e aperfeiçoe tudo o que se fez em seu nome.
- 4.2 Por outro lado, a expectativa escatológica da igreja relativiza todo sistema econômico e toda forma de governo, pois qualquer sociedade, por mais que supere aquela que a precedeu, não é a pátria definitiva que os cristãos esperam, mas apenas uma pátria temporária, até que venha o Reino de Deus na sua plenitude.

## II. PRINCÍPIOS PARA A AÇÃO POLÍTICA

Os princípios fundamentais sobre os quais entendemos que devem atuar os cristãos, a partir da perspectiva de seu compromisso com o Reino de Deus, são os seguintes:

### 1. O valor da pessoa

O ser humano é a realidade suprema e final no marco da ordem temporal. Sua existência plena é o fim último de toda aspiração e organização social. Jamais deve ser considerado como um meio ou colocado como valor secundário. O desenvolvimento integral da pessoa deve ser uma realidade certa para todo ser humano, sem distinção de sexo, idade, raça, credo, ideologia, nacionalidade ou condição social. O fim de toda ação política deve ser possibilitar a todo homem, mulher ou criança uma vida humana plena.

### 2. A Verdade

A prática da verdade é fundamental para

toda relação humana e, conseqüentemente, para toda convivência social. Sem que domine a verdade, a vida social torna-se caótica e anárquica. Só a vivência plena de uma sólida integridade moral nutrida pela verdade pode ser garantia de ordem, liberdade e justiça. A verdade como atitude disciplinada quanto à realidade deve ser a origem e a meta de toda ação política orientada para uma vida humana plena. A verdade é, por sua vez, o meio pelo qual se pode atingir a plena realização da vida humana que a política se propõe alcançar com sua ação.

### 3. A liberdade

A liberdade é impossível sem a prática da verdade. É direito inalienável de todo ser humano e o valor máximo de sua existência como tal. É a capacidade que tem cada ser humano de viver e atuar de uma forma total, na qualidade de pessoa, sem imposições arbitrárias. Esta capacidade vai até onde chega o direito que têm os seus semelhantes de serem também pessoas plenas e completas. Todo programa de ação política deve ter o cuidado de reconhecer a capacidade que tem cada ser humano de se desenvolver a fim de realizar-se como pessoa, e deve facilitar todas as oportunidades e estímulos possíveis para este fim.

### 4. A Justiça

A justiça torna-se impossível, caso a verdade e a liberdade forem frustradas. Por ordem de direito, a justiça é a aplicação da lei com o fim de que cada pessoa consiga a realização de seus direitos e cumpra a imposição de seus deveres na sociedade. Para que estes objetivos se realizem, a administração da justiça tem que ser imparcial, equitativa, acessível, independente, rápida e eficaz. Onde quer que todo ser humano encontre, na ordem jurídica, um

---

recurso onde possa amparar-se do abuso e onde possa defender-se da invasão dos seus direitos, ali haverá justiça. Uma ação política justa é aquela que vela para que a justiça alcance a todos, especialmente os pobres e marginalizados na sociedade. Deve norteá-la um alto sentido social, a fim de que assegure o desaparecimento das odiosas desigualdades no usufruto dos bens e serviços, as quais lesam a pessoa na sua dignidade de criatura segundo a imagem de Deus.

#### 5. A Paz

A paz é filha da verdade, da liberdade e da justiça. Como tal, é o resultado da reconciliação dos elementos díspares da sociedade, sem que estes renunciem a sua identidade nem se elimine a heterogeneidade. A paz só é real e duradoura quando surge de um pluralismo no qual a unidade se verifique na diversidade. Uma ação política responsável procura desenvolver um pluralismo que, com sua riqueza de matizes, enriqueça o corpo social e ofereça a todos a oportunidade de darem a sua contribuição particular para o bem geral.

#### 6. A solidariedade

A solidariedade é a expressão concreta da vontade fraternal de seres humanos que vivem num contexto de verdade, liberdade, justiça e paz. O sentimento de mútua dependência com vistas ao objetivo do bem comum é básico para o estabelecimento de uma ordem social justa. Ninguém pode ser plenamente feliz se os demais não o forem. Uma ação política solidária é aquela que sabe conjugar a capacidade e a ação dos diferentes elementos constitutivos da sociedade, a fim de possibilitar a todos a mais plena realização como pessoas.

## 7. A democracia

A democracia é um sistema de convivência social mediante o qual uma sociedade se organiza com base na participação livre e responsável de todos os seus participantes, na tomada de decisões e na execução das mesmas. Como tal, a democracia é o melhor caminho para se alcançar uma sociedade na qual se imponham os valores supremos que cooperam para o desenvolvimento da pessoa humana. Isto significa que a democracia é um estilo de vida que respeita o exercício de todos os direitos inerentes ao ser humano. Para uma ação política democrática, a democracia não pode limitar-se a meras expressões de caráter jurídico ou político, mas tem de incluir as dimensões econômica e social.

## 8. A política

A política é uma realidade iniludível, uma vez que é a esfera natural da vida humana que facilita o completo exercício da dimensão própria do homem no plano social. A política é um instrumento adequado para o desenvolvimento da verdade, da liberdade, da justiça, da paz, da solidariedade e da democracia entre os homens. Por ser um meio e não um fim, a política tem relação com a situação, a organização, a competência e os direitos próprios dos seres humanos, no objetivo de alcançar os fins que levam ao bem-estar geral.

## 9. A sociedade civil e a sociedade política

É a vontade de Deus que as pessoas se associem, a fim de atingirem o seu pleno desenvolvimento como tais. A família é a primeira e a mais importante das associações. Estas assumem diferentes formas, tais como, sindicatos, grêmios profissionais, partidos, etc. É possível, pois, considerar como natural que os homens que habitam num mesmo território possam,

---

soberanamente, decidir sobre os assuntos que lhes competem. Deste modo, todos os cidadãos fazem parte do Estado, com os conseqüentes direitos e deveres. O governo é o conjunto das instituições que tornam possível a administração do Estado, exercendo um poder que lhes é delegado por aqueles cidadãos. Os governantes são as pessoas designadas para o manejo das instituições do Estado. É importante não confundir a lealdade devida ao Estado com a que se deve outorgar ao governo ou aos governantes.

### III. ÁREAS PARA UMA AÇÃO POLÍTICA RESPONSÁVEL

À luz dos princípios bíblico-teológicos e da ação política, consideramos necessário levar em conta as seguintes áreas para uma ação política responsável:

#### 1. O Indivíduo

- 1.1 A pessoa é o objeto preferido do amor de Deus, que é o único que tem direito sobre sua vida e integridade. Por isso, repudiamos qualquer forma de repressão de caráter político que se manifeste mediante prisões, desaparecimentos, torturas, deportações, despojos e morte.
- 1.2 A função primordial do Estado é assegurar aos indivíduos direitos fundamentais, tais como o direito à vida, à liberdade, à alimentação, ao trabalho, à saúde, à moradia, à educação, à livre associação e a crer ou não, conforme os ditames da sua consciência.
- 1.3 Deus criou o ser humano como homem e mulher. Repudiamos firmemente o grau de exploração machista de que tem sido objeto a mulher na América Latina. Defendemos a igualdade jurídica, trabalhista, profissional, educacional, moral e cul-

tural de todos os seres humanos.

- 1.4 Afirmamos os direitos humanos em todo o mundo, e reconhecemos a autoridade da Organização das Nações Unidas (ONU) e organismos similares que visam promover o respeito aos mesmos.

## 2. A Família

- 2.1 Todo ser humano tem direito a formar uma família. A família, como unidade fundamental da sociedade, tem o dever, não só de procriar, mas também de formar melhores seres humanos e cidadãos.
- 2.2 Consideramos necessários a vigência de uma pátria e de uma legislação integral que contemple os direitos de cada um de seus componentes.

## 3. A educação

- 3.1 Consideramos a educação como um direito do ser humano e um dever que compete à família, à igreja e ao Estado.
- 3.2 A educação pública é responsabilidade do Estado e deve ser integral, acessível e gratuita.
- 3.3 Defendemos todo esforço privado que estimule o desenvolvimento de cada pessoa com igualdade.
- 3.4 Defendemos uma educação formativa e metodologicamente atualizada e, ao mesmo tempo, rechaçamos uma educação acadêmica, utilitarista e contrária aos interesses humanos.

## 4. O trabalho

- 4.1 O trabalho é um meio através do qual o ser humano se associa com Deus na sua tarefa criativa no mundo. Todo ser humano tem direito ao trabalho como meio de subsistência e expressão pessoal e social.

- 4.2 É dever do Estado adotar uma política trabalhista que propicie oportunidades de trabalho para todos, conforme sua vocação. Percebemos a necessidade de humanizar e de colocar a tecnologia a serviço do ser humano, e não este a serviço daquela.
- 4.3 Chamamos a atenção a que se estabeleçam relações trabalhistas justas, buscando eliminar a situação de pobreza e marginalidade crescente do trabalhador urbano e rural.
- 4.4 Auspiciamos toda política que se proponha a oferecer um sistema de segurança social, que impeça um despojamento injustificado, diminua as taxas de subemprego e desemprego, e resguarde o poder aquisitivo do salário real do trabalhador.

## 5. A economia

- 5.1 Entendemos a atividade econômica como uma relação social que garanta a satisfação plena das necessidades temporais do ser humano. O objetivo do econômico não visa exclusivamente ao lucro e à acumulação de capital, mas principalmente à inversão social e à produção de bens e serviços de consumo essencial.
- 5.2 Consideramos que os fatores de produção (a terra, o capital, o trabalho e a organização) têm, acima de tudo, uma função social, e seu uso, aproveitamento e exploração devem estar condicionados aos interesses da coletividade e à totalidade da nação.
- 5.3 A autodeterminação econômica é um elemento essencial da soberania dos povos. Por isso, consideramos ser tarefa urgente a recuperação, por parte dos nossos países, das concessões econômicas feitas a grupos e interesses estrangeiros, assim

- 
- como a minorias privilegiadas, que lesam o patrimônio nacional e são atentatórios à nossa autonomia.
- 5.4 Defendemos a democratização da propriedade, especialmente da terra, por meio de um regime de propriedade que garanta o acesso à mesma por parte daqueles que a trabalham.
- 5.5 Apoiamos uma nova ordem econômica internacional, que assegure a defesa de nossos recursos naturais e uma participação mais justa nos mercados. Da mesma forma, insistimos quanto ao estabelecimento de relações financeiras equitativas e que os recursos científicos e tecnológicos possam estar ao alcance de nossos países em termos mais favoráveis.
- 5.6 Dada a semelhança da situação sócio-econômica dos países latino-americanos, defendemos uma maior cooperação e integração econômica a nível regional e continental. De igual modo nos manifestamos em favor de uma cooperação mais significativa com outros países do mundo que ainda não atingiram o seu desenvolvimento.
- 5.7 Declaramos que Deus, ao colocar o homem como mordomo da terra, não renunciou ao seu senhorio sobre a criação. Por isso, manifestamo-nos contrários ao mau uso do meio-ambiente como resultado de uma exploração indiscriminada e irracional que ameaça destruir a base biológica de nossa existência, degradando a qualidade de vida.

## 6. A saúde

- 6.1 A saúde é a expressão de uma vida plena e tanto inclui o físico como o mental, o social e o espiritual.

- 
- 6.2 A sociedade deve ter uma estrutura de saúde que cubra a todos os indivíduos de forma adequada. Reconhecemos também a necessidade de que toda comunidade aprenda a defender sua própria saúde.
  - 6.3 A igreja, através de organismos de serviço, deve comprometer-se em promover a saúde.

## 7. A Cultura

- 7.1 Aplaudimos todo esforço privado e estatal que estimule o desenvolvimento dos valores culturais e artísticos das nações.
- 7.2 Incentivamos toda iniciativa que motive a investigação científica, o desenvolvimento tecnológico e a formação humanista para o bem dos povos.

## 8. Os direitos humanos

Alertados pela triste situação dos direitos humanos em nosso continente e em consonância com a Palavra de Deus e a Declaração Universal dos Direitos Humanos:

- 8.1 Comprometemo-nos a lutar em defesa das populações indígenas contra o extermínio físico, social e cultural a que são submetidos; pela preservação dos seus valores culturais e dos recursos naturais necessários à sobrevivência.
- 8.2 Propomo-nos combater o racismo, que afeta especialmente as populações negras do nosso continente, e todo tipo de discriminação social, em particular no campo da educação, da cultura, das relações sociais e do trabalho.
- 8.3 Apoiamos uma ampla defesa dos cidadãos acusados de crimes comuns ou políticos, a proporcionalidade entre a pena e o delito, a integridade física e psíquica do

detido, bem como programas de reabilitação que permitam ao ex-delinquente integrar-se a uma vida social útil.

- 8.4 Reivindicamos medidas em favor dos que estão impedidos, a fim de que gozem de condições de vida e de trabalho e se integrem às instituições e processo sociais; em favor dos idosos, a fim de que tenham o apoio efetivo e os meios de vida até o fim de seus dias; em favor dos estrangeiros, para que não sejam submetidos a discriminações e hostilidades em função de sua nacionalidade.

## 9. As Comunicações

- 9.1 Reconhecemos a influência dos meios de comunicação na promoção e afiançamento de determinadas formas de comportamento, pelo que estes precisam ajustar-se à afirmação da dignidade da pessoa.
- 9.2 Defendemos o direito que tem cada pessoa de estar objetivamente informada, assim como de expressar livremente o seu pensamento.
- 9.3 Declaramos inadmissível a manipulação dos meios de comunicação por parte de determinados interesses particulares ou estatais.
- 9.4 Os meios de comunicação devem estar a serviço da comunidade e abertos a toda manifestação que represente o sentimento de setores minoritários.

## 10. Relações internacionais

- 10.1 Cremos que é fundamental o estabelecimento de uma plena cooperação internacional no aspecto econômico, social e político, através de relações bilaterais e multilaterais, respeitando os princípios da auto-determinação dos povos, a

- não-intervenção e igualdade jurídica.
- 10.2 Incentivamos também a necessidade de se desenvolverem relações mais amplas com o continente africano, principalmente com os povos de origem luso-espanhola.
  - 10.3 Opomo-nos firmemente à corrida armamentista, defendemos a utilização dos meios diplomáticos como forma de solucionar os conflitos internacionais e condenamos terminantemente o uso da energia nuclear para fins bélicos.

#### IV. SUGESTÕES PRÁTICAS PARA A AÇÃO POLÍTICA DOS CRISTÃOS

Baseados nos princípios bíblico-teológicos e de ação política enunciados, animamos o povo evangélico a atuar da seguinte forma, nas áreas mencionadas:

##### 1. Congregações locais

- 1.1 Intercedendo em oração pela nação e suas autoridades, confessando os pecados sociais e agradecendo os benefícios por Deus concedidos.
- 1.2 Ensinando todo o conselho de Deus e formando homens e mulheres, para que vivam segundo os valores do Reino.
- 1.3 Servindo, por todos os meios possíveis, por amor ao próximo, dando atenção especial aos setores menos privilegiados da população.
- 1.4 Declarando o juízo de Deus com respeito aos pecados pessoais e sociais, com vistas ao arrependimento, ao perdão e à reconciliação em Cristo.
- 1.5 Estimulando a consideração para com a situação concreta de nossos povos e a reflexão sobre a responsabilidade cristã frente a ela.

- 
- 1.6 Fomentando entre seus membros uma vida comunitária que seja modelo para toda a sociedade.

## 2. Associações e denominações eclesiásticas

- 2.1 Fomentando a reflexão e a ação comum em torno de interesses e problemas nacionais, regionais e internacionais.
- 2.2 Esforçando-se para alcançar um consenso com relação à identificação dos problemas que a realidade estabelece e as soluções possíveis, a partir de uma perspectiva cristã.
- 2.3 Auspiciando uma educação teológica que contemple a formação política básica dos estudantes e encontros que ajudem o povo evangélico a tomar consciência do seu papel referente à vida nacional.
- 2.4 Reivindicando perante as autoridades as aspirações legítimas da comunidade.

## 3. Movimentos e grupos especializados

- 3.1 Organizando-se em movimentos ou grupos de estudantes, profissionais, trabalhadores, empresários, domésticas, docentes e outros, com o propósito de refletir e atuar em relação aos problemas de nossas sociedades.
- 3.2 Participando conjuntamente em grupos constituídos, como partidos políticos, sindicatos, associações civis, etc. Esta ação deve estar em harmonia com o evangelho e iluminada pela experiência histórica da igreja.

## 4. Crentes como indivíduos

- 4.1 Reconhecendo a validade da autoridade do Estado e, particularmente, de suas

instituições para o ordenamento da vida em sociedade.

- 4.2 Assumindo seus direitos de eleger e/ou ser eleito e de pedir contas às autoridades estabelecidas.
- 4.3 Pagando os impostos e encargos tributários estabelecidos.
- 4.4 Servindo responsabilmente à pátria toda vez que esta o exija e sempre que isto seja compatível com o senhorio de Cristo sobre a sua vida.

### CONCLUSÃO

Ao final da nossa consulta, louvamos a Deus por nos ter permitido reunir para refletirmos à luz da sua Palavra sobre temas de suma importância para a sociedade e a igreja na América Latina. Sentimo-nos oprimidos pela complexidade dos problemas sociais abordados. Tomamos consciência das nossas próprias limitações e das do povo evangélico do qual fazemos parte. Reconhecemos que necessitamos do perdão de Deus por nossa falta de sensibilidade cristã em relação à difícil situação em que vivem nossos povos. Ao mesmo tempo, fomos enriquecidos pela comunhão mútua. Aprofundamos a nossa compreensão das demandas do Reino de Deus neste momento crítico da nossa história. Renovamos nosso compromisso com o Senhor Jesus Cristo, com sua igreja e com as nações nas quais Deus nos colocou para sermos suas testemunhas. Lançamos um apelo a todos os nossos irmãos e irmãs em Cristo, para que se unam a nós no propósito de orar e trabalhar no poder do Espírito Santo, a fim de que o Reino de Deus se manifeste mais plenamente em nossa sociedade. Aos

500 anos de nascimento de Martim Lutero, afirmamos que nossa justificação é pela graça de Deus por meio da fé. Oramos, ainda, para que a nossa fé e a do povo evangélico na América Latina seja sempre a fé que opera pelo amor e se alegra na esperança de novos céus e nova terra, nos quais habita justiça

A Deus seja a glória pelos séculos dos séculos! Amém.

#### CRISTÃOS RICOS EM TEMPOS DE FOME

Ronald J. Sider

Editora Sinodal, 1984 (239 p.)

Finalmente, temos o livro de Sider em português. Com boa apresentação gráfica e numa edição bem cuidada, a tradução já é da nova edição americana, revisada extensivamente pelo autor e que deve estar sendo lançada por esses dias nos EUA. Já conhecida por muitos, a obra divide-se em três partes. A primeira, "*Os cristãos ricos e Lázaro, o pobre*", apresenta uma análise da pobreza no mundo, e do cada vez maior distanciamento entre países ricos e pobres, entre Hemisfério Norte e Hemisfério Sul. A segunda parte, "*Pobreza e riqueza em perspectiva bíblica*", analisa bíblicamente os temas pobreza e riqueza, trazendo luz sobre "velhos" textos, que de tanto ler talvez já não liamos mais. Na terceira parte, "*Implementação*", o autor se preocupa em dar sugestões concretas de como

partir para uma ação conscientizadora e transformadora em relação ao tema geral do livro.

É muito provável que nem todos concordem com tudo que Sider escreve, e é possível até que, em determinados círculos, o livro cause alguma polêmica. Porque na realidade polêmico é o assunto em discussão. A análise mais sociológica da primeira parte será indiscutível para a grande maioria. Já no finzinho do 2º capítulo, que encerra esta parte, começa a parte mais polêmica, na citação do complexo de instalações do templo da igreja de Robert Schuller, na Califórnia. Diversos livros de Schuller têm sido lançados no Brasil nesses últimos anos pela SEPAL. A segunda parte provavelmente será a mais discutida, na análise dos textos bíblicos. A acusação de que Sider é um teólogo da libertação é rebatida por ele mesmo, como podemos ver nas notas de rodapé das p. 60 e 62, e ao longo da sua discussão. A verdade é que temos feito uma leitura um tanto unilateral das Escrituras, e podemos até nos surpreender com o número de referências ao desgosto profundo de Deus por qualquer tipo de opressão e injustiça entre os homens. Uma perspectiva dispensacionalista também não haverá de mudar muito as coisas, pois ainda ficarão os modelos de Atos e das epístolas paulinas por serem explicados. Destacam-se, nessa 2ª parte, as análises dos temas: Identidade dos "pobres" nos Evangelhos, o modelo comunitário de Jerusalém (a pobreza daquela comunidade é vista aqui numa perspectiva um tanto diferente da que habitualmente ouvimos), causas do cativo do povo de Deus no AT, e as disposições sabáticas (incluindo o Jubileu) da legislação veterotestamentária. O capítulo 6, que foi um dos mais extensamente revisados e ampliados por Sider na nova edição, trata muito lucidamente do problema do "pecado estrutu-

ral", trazendo no seu bojo um saudável corretivo a uma visão demasiado individualista que tem imperado especialmente nas igrejas evangélicas. Na terceira parte, vale por si só o estudo eclesiológico apresentado. E essa parte tem muita importância na argumentação total de Sider. A reforma comunitária e eclesial apreçoada é parte fundamental da reforma mais ampla que o autor tenta desenhar. Talvez seja bom que a apresentação de Sider na contracapa (feita pela Editora) não tenha mencionado que ele é menonita, pois isso poderia ser, para muitos, uma trave no olho e uma justificativa para, de antemão, não lhe "dar confiança" no que tange à questão da igreja. O certo é que a sua análise merece elogios. Muitos de nós temos sentido na prática o problema que ele aborda, e as soluções abordadas, ao meu ver, são coerentes tanto com o Novo Testamento como com a necessidade da época em que vivemos.

O livro merece um estudo sério, e chega a nós justamente quando precisávamos de algo assim nessa área. O Congresso Brasileiro de Evangelização mostrou novamente essa necessidade, e queira Deus que a obra encontre leitores críticos mas corteses, atentos mas preparados para que o seu desafio possa nos mover a repensar muitos dos temas que ele aborda, dispostos a uma práxis mais bíblica e menos ditada por fatores históricos e sociológicos, que talvez estejam a obscurecer a nossa própria leitura bíblica. Uma palavra final: o apêndice sobre entidades que desenvolvem um trabalho social quer ser expandido já na próxima edição. Talvez o leitor possa colaborar nesse aspecto, para que possamos ter uma visão o mais ampla possível desse campo.

*Enio R. Mueller*

# BOLETIM TEOLÓGICO 2

Fraternidade Teológica Latino-Americana  
Caixa Postal, 220 - 93.000 - São Leopoldo  
Rio Grande do Sul - Brasil



*Significado do símbolo:*

*Representa as necessidades do homem dentro do seu contexto final: o ramo de oliva (a paz), a balança (a justiça), os peixes e o alfa e omega (a Palavra) à luz da Cruz.*